

**ORLANDO ANTUNES**

**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS EM ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS**

**Orientador: Américo Baptista**

**Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

**ORLANDO ANTUNES**

**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS EM ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 24 de Junho de 2016 perante o JÚRI nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 168/2016 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal;

Arguente: Professora Doutora Neuza Silva;

Orientador: Professor Doutor Américo Baptista

**Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

**Epígrafe**

*A violência é uma questão de poder.  
As pessoas tornam-se violentas  
quando se sentem impotentes.*

Andrew Schneider

### **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor Américo Baptista pela atenção e disponibilidade dedicadas ao longo de todo este projeto.

Aos meus pais pelo inesgotável apoio, carinho e motivação, nos bons e nos menos bons momentos deste percurso académico e de vida.

À minha namorada por toda a compreensão, apoio, afeto e dedicação que nunca deixaram de estar presentes em todos estes anos de partilha.

Aos meus irmãos por todo o carinho demonstrado ao longo destes anos.

Aos meus avós e tios que em muito contribuíram para a concretização deste sonho.

A todos os meus amigos que me apoiaram de alguma forma ao longo destes anos, quer seja pela partilha de conhecimentos ou, simplesmente, pela sua amizade. Agradeço também a todos os participantes que se disponibilizaram ao preenchimento do meu questionário.

Finalmente, a todos os professores que me influenciaram positivamente, partilhando algum do seu conhecimento, tornando-me numa pessoa com mais competências.

### **Resumo**

O presente estudo teve como objetivo estudar a violência nos relacionamentos em jovens adultos num contexto universitário. Pretendeu-se analisar as diferenças entre homens e mulheres quanto ao tipo e frequência de violência exercida, bem como investigar as atitudes, crenças e utilização de estratégias de resolução de conflitos adotadas nos relacionamentos amorosos.

Foi utilizada uma amostra de conveniência, constituída por 523 estudantes do ensino universitário, com uma média de 25 anos de idade. Os participantes preencheram um questionário de dados sociodemográficos e as medidas: Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, Escalas de Táticas de Conflito Revisadas e Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão.

Observou-se que a agressão psicológica é a forma de abuso mais prevalente entre homens e mulheres, seguida do abuso físico e, por último, da coerção sexual. Os homens perpetram mais coerção sexual, contudo, para os outros tipos de abuso não se registam diferenças estatisticamente significativas. Os homens têm atitudes de maior tolerância face à violência nos relacionamentos íntimos. As mulheres são quem mais manifesta tanto sintomatologia física como psicológica.

Palavras-chave: violência, legitimação, relacionamentos íntimos, reciprocidade.

### **Abstract**

This work intends to study the intimate partner violence in young adults in an university context. It analyses the differences between genders according to the violence type and frequency as well as attitudes, believes and conflict resolution tactics adopted in the intimate relationships.

A convenient sample was used with 523 university students, with an average of 25 years old. All the participants filled a survey with sociodemographic data and the measures: The Attitudes Towards Dating Violence Scales, The Revised Conflict Tactics Scales and The Rotterdam Symptom Checklist.

It was observed that psychological aggression is the most common between men and women, followed by physical abuse and sexual coercion at last. Men perpetrate more in sexual coercion, however, for other types of abuse there are no significant statistical differences. Men have more tolerant attitudes when confronted with violence in their intimate relationships. Women show more physical and psychological symptoms.

**Keywords:** violence, legitimacy, intimate relationships, reciprocity

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

**APAV** – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

**CDC** – Centers for Disease Control and Prevention

**CTS2** – Escalas de Táticas de Conflito Revistas

**EAVN** – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

**RSCL** – Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão

**TIC** – Tecnologias da Informação e Comunicação

## ÍNDICE

|                                                                                    |           |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                            | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS.....</b>                     | <b>12</b> |
| 1.1. Conceito de violência nos relacionamentos íntimos .....                       | 13        |
| 1.2. Violência no namoro.....                                                      | 15        |
| 1.3. Tipos de violência .....                                                      | 17        |
| 1.3.1. <i>Violência física</i> .....                                               | 17        |
| 1.3.2. <i>Violência psicológica</i> .....                                          | 19        |
| 1.3.3. <i>Violência sexual</i> .....                                               | 20        |
| 1.3.4. <i>Controlo coercivo</i> .....                                              | 22        |
| 1.3.5. <i>Assédio persistente</i> .....                                            | 23        |
| 1.3.6. <i>Uso das tecnologias como forma de abuso</i> .....                        | 25        |
| 1.4. Crenças e atitudes envolvidas na violência.....                               | 27        |
| 1.5. Modelos explicativos da violência.....                                        | 29        |
| 1.5.1. <i>Modelo da transmissão intergeracional da violência</i> .....             | 29        |
| 1.5.2. <i>Teoria da vinculação</i> .....                                           | 30        |
| 1.5.3. <i>Modelo ecológico</i> .....                                               | 33        |
| 1.6. Principais perspetivas teóricas .....                                         | 35        |
| 1.7. (As)simetria de género – diferenças e semelhanças ao nível da violência ..... | 37        |
| 1.8. Ciclo de violência .....                                                      | 39        |
| 1.9. Fatores de risco .....                                                        | 40        |
| 1.9.1. <i>Fatores de risco individuais</i> .....                                   | 41        |
| 1.9.2. <i>Fatores de risco relacionais</i> .....                                   | 43        |
| 1.9.3. <i>Fatores de risco comunitários</i> .....                                  | 44        |
| 1.9.4. <i>Fatores de risco sociais</i> .....                                       | 45        |
| 1.10. Consequências da violência .....                                             | 46        |
| <b>CAPÍTULO II - CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO .....</b>                        | <b>48</b> |
| 2.1. Objetivo .....                                                                | 49        |
| 2.2. Hipóteses.....                                                                | 49        |
| 2.3. Caracterização da amostra .....                                               | 49        |
| 2.4. Medidas.....                                                                  | 52        |
| 2.4.1. <i>Escala de Táticas de Conflito Revistas (CTS2)</i> .....                  | 52        |
| 2.4.2. <i>Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)</i> .....        | 52        |
| 2.4.3. <i>Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão (RSCL)</i> .....      | 53        |
| 2.5. Procedimento .....                                                            | 53        |
| <b>CAPÍTULO III - RESULTADOS.....</b>                                              | <b>55</b> |
| 3.1. Análise de diferenças entre grupos .....                                      | 56        |
| 3.2. Análise de correlações .....                                                  | 58        |
| <b>CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO .....</b>                                               | <b>63</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                              | <b>68</b> |

|                                             |           |
|---------------------------------------------|-----------|
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                   | <b>71</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>                      | <b>I</b>  |
| Apêndice I: Protocolo de Investigação ..... | ii        |

## ÍNDICE DE TABELAS

|                                                                                                                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Caracterização da amostra por sexos.....                                                                                                                                                                 | 51 |
| Tabela 2. Diferenças entre médias do sexo masculino e feminino.....                                                                                                                                                | 56 |
| Tabela 3. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Perpetração) e Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Vitimização).....                                                | 60 |
| Tabela 4. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Perpetração), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão..... | 61 |
| Tabela 5. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Vitimização), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão..... | 62 |

## INTRODUÇÃO

O Homem, enquanto ser intrinsecamente social, estabelece laços afetivos com os outros que o completam e dão sentido à própria vida. Contudo, o ser humano, nem sempre adota os comportamentos mais corretos face aos seus relacionamentos, por vezes, em situação de conflito, a violência parece ser a estratégia mais prática ou eficaz para se resolver uma qualquer discussão (Oliveira & Sani, 2005).

Um dos maiores contrassensos da própria natureza humana prende-se com o facto dos abusos mais severos ocorrerem em relacionamentos amorosos (Arriaga & Stuart, 1999). A violência entre indivíduos ligados por laços de intimidade não se trata de um fenómeno recente. A história mostra-nos que a violência tem sido praticada, sob as mais diversas formas, desde os tempos mais antigos, onde principalmente as mulheres eram vítimas do controlo e autoritarismo dos seus companheiros, vendo-se assim impossibilitadas de terem uma vida social ativa (Resolução do Conselho de Ministros, N.º 88/2003). Contudo, a violência só se assumiu como um problema social a partir da década de 60, com as perspetivas feministas, passando a violência contra as mulheres a ter um crescente foco de atenção social e científico a nível geral. A partir desta data começaram a surgir várias tentativas de compreensão do fenómeno, incentivando-se políticas de intervenção, de modo a reduzir e prevenir este flagelo que, até à data, continuava remetido à esfera privada dos relacionamentos íntimos (Casimiro, 2008).

Num primeiro momento a investigação estava apenas centrada na violência conjugal, só recentemente surge um maior enfoque para as populações mais jovens que evidenciam preocupantes níveis de violência nos seus relacionamentos amorosos (Caridade & Machado, 2006). Desta forma, a partir do momento em que se verifica que a violência não se circunscreve apenas à esfera conjugal, foi possível verificar que os casamentos abusivos, por norma, precediam relações de namoro violentas, caracterizadas pelo controlo e restrição do outro (Caridade & Machado, 2006; Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000). Atualmente, é do conhecimento científico que existe a presença de índices de abuso no contexto dos relacionamentos íntimos, quer se tratem de relações de namoro, coabitacionais ou maritais (Paiva & Figueiredo, 2005).

Namorar assume um papel relevante na vida dos jovens, cujas identidades dependem das diversas experiências que vão adquirindo ao longo da vida, incluindo as interações amorosas. Para a maioria dos jovens o facto de se envolverem com alguém intimamente poderá significar amor, felicidade, companheirismo e compreensão mas, para outros, poderá

ser um encontro com a violência física, psicológica ou sexual (Oliveira & Sani, 2005). Deste modo, a violência nos relacionamentos íntimos em jovens é cada vez mais considerado um problema social relevante (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006) apesar de, para muitos, ainda ser considerado um conjunto de atos de amor e ciúme (Mendes & Cláudio, 2010).

Segundo Capaldi e colaboradores (2012) o pico da violência nos relacionamentos íntimos ocorre entre o final da adolescência e o início da idade adulta, caracterizado por ser o principal período em que os jovens começam a explorar e a desenvolver os seus relacionamentos íntimos. É também durante este período que os indivíduos começam a perceber aquilo que querem das suas relações românticas, descobrindo até que ponto é ou não legítimo haver violência nas suas relações (Halpern-Meekin, Manning, Giordano & Longmore, 2013).

A legitimação da violência é considerada uma consequência das crenças que desculpabilizam condutas mais abusivas. Contudo, essas crenças são interiorizadas desde cedo como resultado da socialização e interação com os outros. Por sua vez, este tipo de crenças poderá ter fortes influências sobre o nosso comportamento (Mendes & Cláudio, 2010). De facto, as crenças mais conservadoras dos jovens para aceitar a violência de forma a resolver conflitos interpessoais poderão ser um fator de risco para a ocorrência de várias formas de abuso (González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008).

Neste sentido, tornou-se pertinente estudar a dimensão da violência nos relacionamentos íntimos em jovens adultos num contexto universitário, verificando-se as principais diferenças entre homens e mulheres quanto ao tipo e frequência de violência exercida. Foram também estudadas as atitudes, crenças e utilização de estratégias de resolução de conflitos adotadas pelos estudantes nos seus relacionamentos íntimos. Estes foram, então, os objetivos delineados para o presente estudo.

No primeiro capítulo é explorado o conceito da violência e como este influencia os próprios relacionamentos íntimos; os principais tipos de violência são também elucidados; é feita referência aos mais relevantes modelos explicativos da violência; menciona-se as principais perspetivas teóricas que estão subjacentes à violência nos relacionamentos íntimos; destaca-se o ciclo de violência que caracteriza os relacionamentos violentos; referem-se alguns fatores de risco que promovem a violência entre os pares; estudam-se as crenças e atitudes envolvidas na violência e a respetiva influência nos comportamentos dos indivíduos e, por fim, mencionam-se as principais consequências que advêm dos comportamentos abusivos.

No segundo capítulo são esclarecidos os objetivos, as hipóteses, a caracterização da amostra, as medidas e o procedimento deste trabalho. No terceiro capítulo analisam-se os resultados obtidos, através dos métodos estatísticos e de tabelas. No capítulo quarto são discutidos os resultados, de acordo com estudos realizados anteriormente. Na conclusão, os objetivos e hipóteses delineados inicialmente são de novo revistos, bem como são discutidas as limitações do estudo e as sugestões para investigações futuras.

## **CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS**

### 1.1. Conceito de violência nos relacionamentos íntimos

Apesar de ser um fenómeno comum a todas as nações, a violência não admite uma definição universal, já que cada sociedade define a mesma segundo os seus próprios critérios que, por sua vez, variam de cultura para cultura (Pais, 1996). No entanto, seguem algumas propostas de diversos autores.

A palavra violência deriva do latim *vis*, que significa força e refere-se à ideia de constrangimento físico ou moral contra a vontade do indivíduo. No entanto, este termo só foi cunhado como conceito a partir do século XVIII, quando se reconheceu as diferentes formas de violência (e.g. violência física, psicológica, moral, entre outras) (Pais, 1996). A violência sofre influência de locais, circunstâncias e realidades variadas, implicando a existência de uma relação assimétrica de poder, através da força exercida contra os direitos e a liberdade do outro. É possível encontrar violência em vários contextos da vida, manifestando-se esta sob diversas formas, tais como violência física, psicológica ou social (Casique & Furegato, 2006; Robazzi, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002) definiu primeiramente violência como “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.” (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002, p.5).

Concretamente quanto ao conceito de violência conjugal ou doméstica, a OMS (2002), caracterizou-a como um qualquer comportamento numa relação conjugal que causa dano físico (e.g. esbofetear, pontapear, bater), psicológico (e.g. intimidação, humilhação, gritos constantes) ou sexual (e.g. forçar a relação sexual), àqueles que nela estão inseridos. Pode ainda haver o caso de um controlo coercivo dos comportamentos do parceiro, onde este se vê limitado a ver a sua família e/ou amigos, havendo o controlo rigoroso dos seus comportamentos e o acesso restrito a informação ou assistência (Krug, et al., 2002).

Deste modo, em 1995, a Organização das Nações Unidas, considerou a violência contra as mulheres um obstáculo face à concretização daquilo que são os objetivos de igualdade, desenvolvimento e paz, violando ou anulando o gozo às liberdades fundamentais e aos direitos humanos (Resolução do Conselho de Ministros N.º 100/2010). Da mesma forma, Portugal, no início do século XXI, foi começando a caminhar no sentido de erradicar a violência conjugal, tendo sido implementadas estratégias como medidas legislativas e criminais, maior suporte à investigação científica sobre esta temática, criação de serviços

destinados ao apoio à vítima, bem como ações de prevenção e sensibilização orientadas para a população (Caridade & Machado, 2006; Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2011).

Neste sentido, em 2000, Portugal considerou a violência conjugal como um crime público (Lei 7/2000), tal como a OMS, em 2005, a considerou como um problema de saúde pública (Carvalho, Magalhães, Alonso, Melo & Martins, 2013). Contudo, é necessário desconstruir o conceito de violência conjugal já que, na sua maioria, as definições contemplam apenas a violência exercida pelo homem sobre a mulher (Brewster, 2002).

Em termos legais, e de acordo com o artigo 152.º do Código Penal (Lei nº59/2007), a violência doméstica é definida tendo em conta os diversos tipos de violência (física ou psicológica), onde se incluem punições corporais, ofensas sexuais e privações de liberdade. Tal aplica-se tanto a cônjuges ou ex-cônjuges, como aos restantes casais homo ou heterossexuais que mantenham ou tenham mantido uma relação similar à dos conjugues, mesmo no caso em que não se verifique a coabitação. O mesmo se aplica aos progenitores descendentes ou a outros indivíduos especificamente indefesos, devido a doença, idade, deficiência, gravidez ou dependência económica, que com o agressor coabitem.

Assim, a violência conjugal pode resumir-se a toda e qualquer violência física, psicológica ou sexual que ocorre entre parceiros do mesmo ou de diferentes sexos. Pode ainda incluir maus tratos, violência entre cônjuges, crimes passionais, abuso sexual de mulheres e crianças, mutilação sexual feminina e demais práticas tradicionais de exploração económica e sexual. Intimidar, amedrontar, humilhar de forma continuada, com o objetivo de manter o controlo e poder sobre a vítima, constitui também uma forma de abuso contra o parceiro íntimo (Resolução do Conselho de Ministros N.º 100/2010). Atualmente são várias as evidências que provam que a violência na intimidade não se limita ao contexto conjugal (marido e mulher), ocorrendo também em relações de união de facto, períodos pós-separação, relações homossexuais e em relações de namoro juvenis (Machado, Caridade & Martins, 2010).

Em Portugal, só no ano de 1997, surgiu um dos primeiros estudos relativos à vitimação por violência de género, desenvolvido por Lourenço, Lisboa e Pais (1997), intitulado de «Violência contra as Mulheres». Na altura, o mesmo surgiu de modo a colmatar a falta de estudos quantitativos portugueses, neste âmbito. Dessa forma, 1000 mulheres com idade igual ou superior a 18 anos responderam aos inquéritos efetuados, verificando-se que 52,2% destas reportou pelo menos um ato de violência. Em 80% dos casos o homem era o autor da agressão. Quanto ao tipo de violência mais frequente o mesmo incidia sobre a

violência psicológica (62,3%), seguida da violência sexual (37,4%) e da violência física (6,8%). Segundo 29% destas mulheres o principal motivo do abuso deveu-se à dominação e controle masculino sobre a mulher.

As mais recentes estatísticas publicadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) confirmaram que no ano de 2014 foram cometidos 17.785 crimes de violência doméstica, dos quais 37,3% foram através de maus tratos psíquicos, 25,3% de maus tratos físicos, 18,4% de ameaça ou coação e 10,8% sob a forma de injúrias ou difamação. Registaram-se ainda 64 casos de coerção sexual e 63 de violação. Dos crimes de violência doméstica, acima referidos, resultaram 38 homicídios tentados e 3 homicídios consumados, vitimizando principalmente mulheres (82,3%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (APAV, 2015).

## **1.2. Violência no namoro**

O namoro pode ser definido como uma relação diádica que envolve um encontro para uma interação social, para atividades conjuntas, onde existe uma intenção para o relacionamento continuar (Aldrighi, 2004). O namoro é caracterizado pela estabilidade da associação entre duas pessoas e refere-se à adesão de um indivíduo a uma relação específica (Bertoldo e Barbará, 2006). Antes da revolução sexual, o namoro consistia numa relação que precedia o casamento, com uma duração relativamente curta, onde as interações entre os parceiros eram, na sua maioria, controladas pelos pais. Nos dias de hoje existem mais tipos de relações interpessoais que se designam como namoro, desde uma relação mais ou menos curta até à coabitação (Béjin, 1987).

Contudo, a violência no namoro trata-se de um problema sério e prevalente por toda a parte (Straus, 2008). A violência no namoro pode ser definida como qualquer tentativa física, psicológica ou sexual, com o objetivo de controlar o outro parceiro, podendo comprometer a integridade, física psicológica e/ou sexual do indivíduo (Cornelius & Resseguie, 2007; Ehlert, 2007; Shorey, Cornelius & Bell, 2008).

Os primeiros estudos sobre violência nos relacionamentos íntimos juvenis surgiram em 1981 com Makepeace<sup>1</sup>, concluindo o mesmo que uma em cada cinco relações amorosas, em estudantes universitários, indiciavam algum tipo de violência (Antunes & Machado, 2012, p.93). Desse modo, verifica-se que a violência entre namorados não foge muito à situação

---

<sup>1</sup> Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102 in Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107.

observada no contexto conjugal. A partir desta investigação pioneira começou a haver, nas décadas seguintes, um crescente interesse nas relações íntimas interpessoais, uma vez que a temática até aí tinha sido pouco estudada.

Mais tarde, Magdol e colaboradores (1997), numa revisão de três estudos de grande escala, verificaram uma prevalência de violência no namoro entre os 21,8% e os 55,8% em jovens adultos. Straus (2004), através de um estudo intercultural, incluindo dezasseis países e trinta e um contextos universitários encontrou uma taxa de 29% de estudantes (homens e mulheres) que agrediu o seu parceiro, sendo que 7% destes saiu desta situação com algum tipo de lesão.

A violência nos relacionamentos íntimos pode começar a manifestar-se com maior evidência a partir da fase da adolescência (Lundgren & Amin, 2015) até à idade adulta dos indivíduos (Elmqvist et al., 2014). Deste modo, o crescente interesse pela comunidade científica em abordar a violência nos relacionamentos dos jovens, estudantes do ensino secundário e universitário, baseou-se em diversas evidências que mostravam que esta população apresentava níveis alarmantes de violência, chegando então à conclusão que mais investigação era necessária realizar, uma vez que a violência nos relacionamentos íntimos não se restringia apenas a um nível conjugal ou marital (Caridade & Machado, 2006; Price, Byers & Dating violence research team., 1999).

A investigação tem também demonstrado que, caso o relacionamento de namoro violento se prolongue no tempo, os níveis de violência tendem a aumentar com o passar do tempo, constituindo assim, um fator preditor para a violência conjugal (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000). Recentemente, Cui, Ueno, Gordon e Fincham (2013) demonstraram que a violência em relacionamentos de namoro durante a adolescência se perpetuava em idade adulta. Existem ainda outros estudos que demonstram que o facto de ter estado num relacionamento violento anteriormente é também um fator preditor para a violência no relacionamento atual (Gómez, 2011).

De acordo com Karakurt, Keiley e Posada (2013) a violência nos relacionamentos íntimos ocorre com mais frequência entre estudantes universitários do que no resto da população. Segundo o *Centers for Diseases Control & Prevention* (CDC) (2014) 22% das mulheres e 15% dos homens sofrem de violência física, sexual ou de assédio persistente. Assim como Straus (2004) mostra que 23 a 38% dos adultos emergentes relatam episódios de violência pelo seu parceiro. Shorey e colaboradores (2008) verificaram que a violência

psicológica é a mais frequente entre os jovens (80%), seguida da violência física que varia entre os 20% e os 30%. A agressão sexual ocorre entre 10% a 20% nos casais mais jovens.

Quanto à investigação realizada em Portugal sobre a violência nas relações de intimidade juvenil, existem também indicadores que merecem alguma atenção. Paiva e Figueiredo (2005) verificaram que 53,5% dos estudantes universitários admitiram atos de violência verbal, 18,9% de coerção sexual e 16,7% de violência física de gravidade moderada a baixa. Machado e colaboradores (2010) verificaram numa amostra de grande escala ( $N = 4,667$ ), constituída por estudantes do ensino secundário, profissional e superior português, que 25,4% dos participantes que mantinha uma relação amorosa tinha perpetrado atos de abuso contra os seus parceiros durante o último ano, nomeadamente a nível emocional (19,5%) e a nível físico (13,4%). Com estudantes do secundário e universitários, Antunes e Machado (2012) concluíram que 43,2% dos participantes já praticou, pelo menos, um ato abusivo contra um parceiro e 37,3% admitiu já ter sofrido de algum tipo de perpetração por um parceiro ao longo da sua vida.

### **1.3. Tipos de violência**

A violência nos relacionamentos íntimos caracteriza-se através de um conjunto de comportamentos violentos, que ocorrem entre duas pessoas que têm entre si uma relação íntima. Alguns dos tipos de violência incluem: violência física, psicológica ou sexual, bem como controlo coercivo, comportamentos de assédio persistente até ao abuso através das novas tecnologias (Archer, 2002; Centers for Diseases Control & Prevention, 2012; Saltzman, Fanslow, McMahon & Shelley, 2002; Swan, Gambone, Caldwell, Sullivan & Snow, 2008).

#### **1.3.1. Violência física**

A violência física caracteriza-se pelo uso intencional de força física, podendo resultar desse ato qualquer tipo de dano, incapacidade ou morte. A violência física pode manifestar-se através de atos como arranhar, esbofetear, empurrar, pontapear, esmurrar, morder, queimar ou através do recurso a objetos (e.g. faca, pistola) ou outro tipo de arma que tenha o objetivo de lesar o outro. Pode considerar-se como violência física a coerção, que obriga a outra pessoa a realizar determinado ato (Saltzman et al., 2002). Em questionários de autorrelato, vários estudos confirmam a evidência de níveis semelhantes de violência física praticados tanto por homens como por mulheres (Swan, et al., 2008).

Halpern e colaboradores (2001), num estudo longitudinal com 7500 jovens com idades entre os 12 e os 21 anos, confirmaram que um terço destes jovens reportou algum tipo de vitimização, sendo que 12% afirmou mesmo já ter sido vítima de violência física.

Straus e colaboradores (2002), numa amostra com 3.086 estudantes universitários, oriundos de 14 países, demonstraram uma prevalência de perpetração de 28,2% (27,7% homens e 28,7% mulheres), estando presentes 9,7% de formas mais severas de abuso físico. Dada a diversidade de países, esta prevalência varia entre os 16 e os 51%, encontrando-se valores mais expressivos de violência física no México, nomeadamente quanto a formas severas de violência (15,9%). Por outro lado, o Canadá é o país em que a violência física menos se faz notar, tanto para o abuso físico total (16,1%), como para as formas mais severas de violência (5,8%). Concretamente, quanto a Portugal os valores registaram-se ligeiramente inferiores à média, quer em termos de violência física ligeira (20%), quer nas formas mais severas desta (7,1%) (Paiva & Figueiredo, 2003). Deste modo, Paiva e Figueiredo (2003) concluem que os estudos focados nas relações pré-maritais demonstram que a violência física acontece frequentemente nas relações íntimas com o parceiro, de 15 a 50%, no início da idade adulta.

Aldrighi (2004) verificou numa amostra constituída por 455 casais jovens universitários que 72,4% destes relataram atos de agressão mútua. Apenas 13,2% de agressões físicas perpetradas exclusivamente pelo sexo masculino e 14,5% do mesmo tipo de agressões praticadas somente por mulheres. Segundo Shorey e colaboradores (2008) 20% a 30% dos relacionamentos de namoro já experienciaram algum tipo de violência física, apesar deste não ser o tipo de violência mais frequente em população universitária, comparando, por exemplo, com a violência psicológica. Gover, Kaukinen e Fox (2008), num estudo realizado com 2500 estudantes universitários, concluíram que eram as mulheres as mais vitimadas ao nível da violência física nas suas relações de namoro. Mais recentemente, Miller (2011), numa amostra de estudantes universitários entre os 18 e os 25 anos, verificou que um em cada quatro destes estava envolvido numa relação de namoro violenta.

A nível nacional, Paiva e Figueiredo (2005), numa amostra com estudantes universitários, concluíram que 16,7% perpetra de violência física de gravidade moderada a baixa contra o seu parceiro e 3,8% de violência física severa, com sequelas. Foi também possível concluir neste estudo que, apesar dos homens perpetrarem mais coerção sexual, são também mais vítimas de abuso físico com sequelas do que as mulheres. Caridade (2008) mostrou que 18,1% dos participantes mencionou já ter usado violência física contra o seu

parceiro e 13,4% referiu ter sofrido de violência física num dos seus relacionamentos íntimos. Também Caridade (2011), num estudo que envolveu 4667 jovens do ensino secundário, universitário e profissional, com idades entre os 13 e os 29 anos, concluiu que a violência física era perpetrada em 13,4% dos casos e vitimada em 18,1%. Mais recentemente Antunes e Machado (2012), no seu estudo com jovens do ensino secundário e universitário revelaram que 43,2% destes reconhecem ter perpetrado pelo menos um ato abusivo contra o parceiro (30,1% através da violência física), assim como 37,3% admitiram já foram alvo de algum tipo de violência pelo seu parceiro íntimo (20,4% de violência física).

### **1.3.2. Violência psicológica**

A violência psicológica pode ser definida como “um padrão de comunicação, quer verbal ou não-verbal, com a intenção de causar sofrimento psicológico na outra pessoa, ou que é percebido como tendo essa intenção” (Straus & Sweet, 1992, p. 347) e cujo comportamento é humilhante, ameaçador, depreciativo, intimidador, controlador ou compromete a autoestima do parceiro. Muitas das vezes o agressor recorre à culpa e à manipulação (Shorey et al., 2012).

A violência psicológica poderá ser uma forma de agressão mais discreta, logo, menos perceptível e evidente para os outros. No entanto, esta violência poderá ser tão ou mais prejudicial para a vítima, relativamente a outros tipos de abuso. As consequências podem incluir sentimentos de rejeição, discriminação, baixa autoestima, culpabilização, isolamento, depressão ou mesmo suicídio (Lourenço & Carvalho, 2001).

De acordo com Shorey e colaboradores (2012) a violência psicológica é também a forma mais frequente de abuso em relações de namoro, nas quais as mulheres cometem tanta ou mais violência como os homens. Do mesmo modo, o *National Family Violence Survey* concluiu que 74% dos homens e 75% das mulheres usaram a agressão psicológica perante o parceiro, contradizendo assim o senso comum que as mulheres praticam mais violência psicológica e os homens mais violência física (Straus & Sweet, 1992).

No estudo de Halpern e colaboradores (2001), com uma amostra com 7500 jovens dos 12 aos 21 anos, evidenciou que 3 em cada 10 destes jovens sofria de algum tipo de violência psicológica. Este tipo de taxas de incidência foi também encontrado junto da população universitária, não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres quanto a agressão psicológica leve (86% contra 89%, respetivamente) e agressão psicológica severa (30% contra 27%, respetivamente) (Cercone, Beach & Arias,

2005). De facto, investigação realizada junto de população universitária indicou que a maioria dos relacionamentos amorosos mantém níveis de violência psicológica que rondam os 70% a 90%, não existindo diferenças significativas quanto aos níveis de perpetração e vitimização entre homens e mulheres (Cornelius, Shorey & Beebe, 2010; Shorey et al., 2008, 2012; Swan et al., 2008).

Segundo Capaldi, Shortt e Crosby (2003) a violência psicológica mantém-se consistente ao longo do tempo, sendo muitas das vezes preditora da violência física (Baker & Stith, 2008). Pode então verificar-se que, apesar da violência psicológica ser a mais prevalente na maioria dos estudos, é também a mais sub-reportada enquanto forma de crime (Paiva & Figueiredo, 2004).

A nível nacional, Paiva e Figueiredo (2003), numa amostra com estudantes universitários, verificaram que um elevado número de sujeitos infligiam abuso psicológico contra os seus parceiros (53,8%), nomeadamente através de experiências severas deste tipo de abuso, tais como a injúria ou a humilhação. Neste mesmo estudo não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre sexos (50% homens e 56,5% mulheres). Caridade (2008), na sua investigação, verificou que 19,5% dos participantes evidenciavam algum tipo de abuso psicológico. Do mesmo modo, Paiva e Figueiredo (2005), numa amostra com 318 estudantes universitários, verificaram que 50,8% destes admitiu ter sido vítima de abuso psicológico.

### **1.3.3. Violência sexual**

A violência sexual pode ser definida como qualquer situação em que uma pessoa usa meios verbais ou físicos para praticar atividade sexual não consentida, podendo incluir o recurso a álcool ou drogas (Saltzman et al., 2002). Ménard, Hall, Phung, Ghebrial e Martin (2003), através de uma investigação com estudantes universitários, conferiram que o assédio sexual perpetrado por homens era duas vezes superior, assim como era três vezes superior a coerção sexual masculina face à feminina.

É importante referir que estes atos de violência são praticados geralmente por alguém conhecido da vítima, nomeadamente os parceiros amorosos das vítimas (Gross, Winslett, Roberts & Gohm, 2006). Jewkes (2002) referiu que é efetivamente nas relações de namoro que este tipo de violência tem maior expressão. Recentemente Krahé e colaboradores (2015) num estudo que envolveu 10 países europeus, com população entre os 18 e os 27 anos, confirmaram a existência de abuso sexual sofrido pelo parceiro, variando entre os 19,7% e os

52,2% nas mulheres e os 10,1% e os 55,8% nos homens. Gidyez, Hanson e Layman (1995) evidenciaram que a vitimização é três vezes mais elevada entre estudantes universitários do sexo feminino, em comparação com a população em geral.

A literatura tem demonstrado que os jovens, muitas vezes, não percecionam as agressões do parceiro como abusivas, nomeadamente as relações sexuais forçadas como forma de violação, o que resulta num sub-relato neste tipo de violência (Humphrey & White, 2000). Desta forma, a legitimação e a tolerância da violência sexual, assim como a vergonha sentida pelas vítimas podem dificultar uma análise fiel da realidade, bem como a sua erradicação, já que se reduzem as probabilidades de denúncia e penalização para os agressores (Frese, Moya & Megías, 2004).

Straus e colaboradores (2002) demonstraram, numa amostra de estudantes universitários, que incluiu 14 países, a existência de 24,7% dos indivíduos que praticavam coerção sexual sobre o parceiro, dos quais 39,9% eram homens e 18,7% eram mulheres. Nesta amostra, 3% revelou ter usado ameaças e 3,2% usou algum tipo de força para chegar ao ato sexual. No mesmo estudo, o Brasil revelou-se o país que mais altos valores apresenta ao nível da coerção sexual (41,6%); Portugal está inserido ao nível da maioria dos restantes países (23%) (Paiva & Figueiredo, 2003).

Recentemente, Sutherland, Amar e Sutherland (2014) analisaram uma população constituída por três universidades americanas ( $N = 1,978$ ), chegando à conclusão que 38% dos participantes da amostra (homens e mulheres) reportaram algum tipo de vitimização sexual, sendo que 42,6% eram mulheres e 28,7% eram homens. Quase 6% destes estudantes tinham perpetrado violência sexual em algum momento da sua vida (14,5% homens e 3,8% mulheres).

Nos EUA é esperado que 19,3% das mulheres e 1,7% dos homens já tenham sofrido de violação, pelo menos uma vez durante a sua vida. No entanto, estima-se que 43,9% das mulheres e 23,4% dos homens já tenham experimentado outras formas de violência sexual durante a sua vida, incluindo coerção sexual e contacto sexual forçado (Breiding et al., 2014).

A nível nacional, Paiva e Figueiredo (2004) numa amostra com estudantes universitários registou-se 25,6% de vitimação de violência sexual e 18,9% de perpetração de violência sexual, estando o sexo masculino em maior representação a este nível.

Regra geral, em quase todos os estudos se chegou à conclusão que este tipo de violência era perpetrado sobretudo pela população masculina. Ou seja, ao contrário de outros tipos de violência, neste existe maior consenso entre literatura no facto da violência sexual ser

mais sentida pelo público feminino (Breiding et al., 2014; Feder & Henning, 2005; Struckman-Johnson et al., 2003; Sutherland, Amar & Sutherland, 2014).

#### **1.3.4. Controlo coercivo**

O controlo coercivo pode ser definido como “um padrão de coerção caracterizada pelo uso de ameaças, intimidação, isolamento e abuso emocional, bem como um padrão de controlo da sexualidade e da vida social” (Stark & Flitcraft, 1996, pp. 166-167). Neste tipo de abuso pode incluir-se a privação da vítima aos seus relacionamentos com a família, amigos, recursos materiais, até às várias atividades da vida diária. Assim, as principais características do controlo coercivo prendem-se com o isolamento da vítima das suas redes sociais e da sua gestão básica das suas atividades diárias, através de ameaças feitas pelo perpetrador, enaltecendo este as consequências negativas caso exista o não cumprimento de determinada tarefa (Swan et al., 2008).

Segundo Stark (2006) o controlo coercivo, mais do que a violência física, contribui para o efeito de uma completa devastação psicológica, que se pode manifestar sob a forma de depressão, ansiedade e perturbação pós stress traumático. Johnson (2006) afirmou que o controlo coercivo é um fator que distingue os diferentes tipos de relacionamentos onde ocorre violência. «Terrorismo íntimo» foi a expressão que Johnson (2006) definiu nos casos em que exista controlo coercivo, acompanhado de violência severa. O mesmo autor concluiu que as vítimas neste tipo de relacionamentos são quase sempre mulheres, e os perpetradores quase sempre homens.

Na verdade, as mulheres estão cerca de 1,5 vezes mais predispostas para serem vítimas de controlo coercivo, assim como estão 2,5 vezes mais predispostas para sofrer de coerção sexual pelos seus parceiros. Têm ainda mais 1,5% de probabilidade de serem lesionadas pelos seus parceiros (Swan & Snow, 2003; Swan et al., 2008). Apesar da maioria da violência ser perpetrada por homens em mulheres, investigadores têm reconhecido cada vez mais a presença de violência conjugal contra os homens. Para Hines e Malley-Morrison (2001), o reconhecimento que os homens também podem passar a ser vistos como vítimas de violência conjugal pode ter um forte impacto na sociedade na qual o homem é visto como social, económica e politicamente dominante.

### 1.3.5. Assédio persistente

O assédio persistente, também conhecido na língua inglesa como *stalking*, pode ser definido como “uma linha de conduta dirigida a uma pessoa específica que envolve a proximidade repetida visual ou física, a comunicação não consensual, ou verbal, escrita ou ameaças implícitas, ou uma combinação destes, que causaria a uma pessoa razoável medo” (Tjaden & Thoennes, 1998, p. 2). De acordo com Matos e colaboradores (2011) a definição de assédio persistente representa um padrão de comportamentos de assédio constante, envolvendo vários tipos de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo sobre a outra. Este tipo de contacto indesejado pode ter um impacto negativo e severo nas vítimas. Podem também considerar-se como comportamentos de assédio persistente o espiar alguém, esperar alguém do lado exterior de casa ou do trabalho, realizar telefonemas indesejados ou vandalizar propriedade (Tjaden & Thoennes, 2000).

De acordo com Meloy (1999) o assédio persistente não é um comportamento novo, é apenas um novo crime em certos países. Só nas duas últimas décadas do século XX é que o assédio persistente foi reconhecido enquanto problema social, após a cunhagem do termo pelos *media* norte americanos que o definiam como um padrão de conduta que muitas vezes antecedia crimes violentos, ou mesmo fatais, contra celebridades. No entanto, com o passar do tempo e com a evolução de estudos sobre o fenómeno, foi possível identificar as características do mesmo, bem como o reconhecimento do assédio persistente como matéria de saúde pública e justiça criminal (Grangeia & Matos, 2011; Matos et al. 2011).

Atualmente a comunidade científica considera o assédio persistente como uma categoria de vitimação transversal a diferentes contextos sociais e relacionais. O grupo dos agressores e das vítimas é considerado bastante heterogéneo, contudo, existem vários autores que consideram o assédio persistente como uma forma de violência essencialmente relacional, afetando principalmente os mais jovens e as mulheres (Caridade & Machado, 2010; Matos et al., 2011), sendo que os agressores de assédio persistente conhecidos das vítimas (e.g. parceiros íntimos) são muito mais perigosos que os não conhecidos, uma vez que o assédio persistente ocorre frequentemente num contexto em que o agressor e a vítima partilham uma relação de intimidade (Björklund et al., 2010).

Portugal, no presente ano de 2015, ainda se encontra entre os países em que a prática de assédio persistente ainda não é reconhecida a nível social ou legal. Assim, para além de ainda não existir um termo específico que corresponda ao constructo em causa, também não há qualquer referência a uma lei específica contra o mesmo. Ainda assim, numa tentativa de

facilitar o conceito de assédio persistente Matos e colaboradores (2011) designaram o mesmo como «assédio persistente». Em Portugal, ao contrário de outros países, foi a atenção científica que precedeu as medidas legislativas, surgindo assim o reconhecimento do assédio persistente como forma de vitimação (Grangeia & Matos, 2011; Matos et al., 2011; Pereira & Matos, 2015).

Segundo Purcell, Pathé e Mullen (2004) o assédio persistente pode ocorrer em duas situações. A primeira pode ocorrer durante um breve período de tempo (alguns dias), no qual o agressor assedia as suas vítimas, através de abordagens e perseguições indesejadas. A segunda situação pode ocorrer em períodos de assédio mais duradouros (algumas semanas ou meses), onde o assédio poderá constituir-se sob a forma de ameaças, abordagens indesejáveis ou mesmo violência.

Segundo o *National Violence Against Women Survey* a prevalência de experienciar assédio persistente durante a vida é de 14,2% para as mulheres e de 4,3% para os homens. Dentre as pessoas que sofreram de assédio persistente 41% das mulheres e 28% dos homens foram vítimas de assédio persistente diretamente pelos seus parceiros (Davis, Coker & Sanderson, 2002). Do mesmo modo que Breiding e colaboradores (2014) estimam que 15,2% das mulheres e 5,7% dos homens sejam vítimas de assédio persistente durante a sua vida. Segundo Davis e colaboradores (2002) as mulheres têm 13 vezes mais possibilidade de sofrer de assédio persistente que os homens.

Purcell e colaboradores (2009), no seu estudo realizado com 299 adolescentes perpetradores de assédio persistente, verificaram que 64% eram do sexo masculino e 36% eram do sexo feminino. Dentre as atividades mais utilizadas por estes estão as abordagens indesejadas, telefonemas e perseguições às vítimas. É importante ressaltar que 98% destas vítimas conhecia o agressor.

A nível nacional ainda não existem muitos estudos efetuados sobre esta matéria. Matos e colaboradores (2011) foram um dos primeiros a realizar um estudo deste tipo, com uma amostra de 1210 participantes concluíram que 19,5% dos participantes já tinham sofrido de assédio persistente, pelo menos uma vez na vida, ou seja, um em cada cinco sujeitos confirmou estes dados. Verificou-se ainda que eram as mulheres quem mais sofriam com este tipo de abuso (25%), comparando com os homens (13,3%). Do grupo lesado, 40,2% foi alvo de um agressor conhecido, familiar ou vizinho e 31,6% identificou o parceiro ou ex-parceiro como o agressor.

### 1.3.6. Uso das tecnologias como forma de abuso

A utilização das novas tecnologias, especialmente pela população mais jovem, está a despertar um novo interesse na investigação, que a considera como um facilitador de comportamentos abusivos, nomeadamente a nível psicológico. Apesar da investigação neste ramo ser ainda escassa, a prevalência dos jovens que cometem este tipo de abuso parece estar a aumentar. Neste sentido, surgem conceitos como o *cyberstalking*, *cyberbullying* e *sexting* que, apesar de parecerem semelhantes, vale a pena distinguir as suas diferenças (Draucker & Martsolf, 2010; Pereira & Matos, 2015; Sheridan & Grant, 2007).

*Cyberstalking*, também designado de assédio persistente online ou eletrónico, surge associado à perseguição ou intrusão perpetrado através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (Burmester, Henry & Kermes, 2005). Num estudo realizado por Picard (2007), com adolescentes, verificou-se que 36% destes reportaram que o seu parceiro o controlou 10 a 30 vezes por dia; 30% reportou que o seu parceiro utilizou o seu e-mail ou as mensagens de telemóvel 10 a 30 vezes por hora; um quarto afirma ter comunicado com o parceiro de hora a hora, desde da meia-noite até às cinco da manhã; 17% disse que o seu parceiro o intimidou ou ameaçou de alguma forma por não ter respondido a um qualquer contacto eletrónico; um quarto disse já ter experienciado assédio, insultos ou humilhações, por parte do seu parceiro, através dos meios eletrónicos; e quase um em cinco experienciou assédio ou humilhação através das redes sociais.

O mesmo estudo defendeu que o uso da nova tecnologia como via para o abuso psicológico é uma ótima ferramenta para espalhar rumores, de modo a denegrir a imagem de determinada pessoa, afetando assim os seus relacionamentos e a sua reputação. Estes jovens podem ainda utilizar a informação disponível nas redes sociais para partilhar determinados conteúdos privados, como fotos ou vídeos, com o objetivo de causar embaraço ou como forma de ameaça (Draucker & Martsolf, 2010).

Recentemente, um estudo desenvolvido por Madden e colaboradores (2013), que integrou 802 jovens, verificou que o Facebook está cada vez mais integrado no dia-a-dia dos jovens, onde o conteúdo de informação pessoal está cada vez a ser mais partilhado publicamente. Relativamente aos dados em Portugal, em 2010 um estudo pela *Health Behaviour in School-aged Children* concluiu que 98,6% dos jovens dos 11 aos 15 anos de idade têm, pelo menos, um computador em casa. Destes 92,9% têm acesso à internet (Matos et al., 2010). Nesse seguimento, Ferreira, Martins e Abrunhosa (2011), no seu estudo com jovens dos 10 aos 18 anos, comprovou que o *cyberstalking* é o terceiro risco online mais

referido por esta população. Por seu turno, Carvalho (2011), através de uma população universitária portuguesa, concluiu que 74,8% destes passaram por algum tipo de situação de *cyberstalking*.

Com base nestes dados são perceptíveis as questões de vulnerabilidade que estão associadas aos jovens para tanto ao nível da perpetração como da vitimação de *cyberstalking* (Bilic, 2013). A par desta situação cresce também outra não menos grave que está associada ao facto dos adolescentes apresentarem menores níveis de desenvolvimento das suas capacidades sociais e identitárias (Subrahmanyam, Greenfield & Tynes, 2004).

Diferentemente do *cyberstalking* está o *cyberbullying* que se caracteriza por ser uma forma de violência que recorre igualmente às TIC com o objetivo de perpetrar comportamentos hostis intencionais e de forma repetida, contra pares que pertencem ao seu contexto escolar (Bilic, 2013). Tal como acontece na agressão entre pares, existe um desequilíbrio de poder entre os intervenientes, onde os agressores normalmente são os mais fortes, agressivos e com maior *status* entre os pares, em relação aos vitimados (normalmente mais fracos, introvertidos, com menor número de amigos) (Wang, Iannotti & Nansel, 2009; Hinduja & Patchin, 2010). Neste sentido Madden e colaboradores (2013), verificaram que 17% dos jovens que navegam habitualmente na internet já foram abordados por mensagens de estranhos, que provocaram medo e desconforto.

Outra forma de abuso através das novas tecnologias faz-se a partir do chamado *sexting*, que significa envio e troca de mensagens ou fotos de cariz sexual (Farber, Shafron, Hamadani, Wald & Nitzburg, 2012). Vários estudos concluíram que entre 13% a 31% dos adolescentes receberam este tipo de conteúdo e que entre 4% a 19% dos adolescentes já enviaram também este tipo de mensagens, evidenciando-se o sexo feminino como utilizador mais frequente deste tipo de conteúdo. Muitas vezes, estas mensagens ou fotos muitas vezes acabam por ser tornadas públicas sem qualquer consentimento dos indivíduos (Draucker & Martsolf, 2010).

Todo este tipo de abuso é vantajoso para o agressor, uma vez que consegue controlar o parceiro 24 horas por dia, mesmo quando não estão fisicamente no mesmo espaço. Um estudo de Zweig e Dank (2013), que incluiu 5,500 adolescentes, verificou que apenas 4% destes é que experienciava abuso via tecnologia, o que quer dizer que este meio raramente é utilizado como único tipo de ofensa numa relação em que existe violência, este é uma ferramenta adicional a par das restantes formas de agressão. Deste modo, o mesmo estudo indicou que as vítimas de abuso tecnológico e assédio estão duas vezes mais predispostas a

serem vítimas de violência física, duas vezes e meia mais propensas a sofrer violência psicológica e têm uma probabilidade cinco vezes maior de serem coagidas sexualmente, comparando com aqueles que não experienciavam «abuso tecnológico».

#### **1.4. Crenças e atitudes envolvidas na violência**

Quando refletimos sobre a origem das crenças no comportamento humano, compreendemos a construção do nosso desenvolvimento através das interações com os outros. Assim, as crenças surgem como consequência das percepções que vamos construindo, a partir de todas influências que nos rodeiam. O fenómeno da violência de género encontra-se relacionado com as representações sociais de cada um, deste modo, cada pessoa, a partir do seu quadro de referência, tem a sua percepção do que é ou não violento (Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013).

A legitimação da violência é, por vezes, consequência das crenças que desculpabilizam as condutas abusivas. Este tipo de crenças é resultado da socialização e de toda a influência do meio, sendo interiorizadas desde cedo na vida do indivíduo (Mendes & Cláudio, 2010). As crenças podem estar também associadas à desigualdade que existe entre homens e mulheres, geralmente os homens que têm mais poder no seio familiar tendem a controlar a restante família com a aprovação das mulheres e dos filhos e até da própria sociedade, sendo estas crenças transmitidas pelos adultos ao educarem as crianças (Afonso, 2010).

Segundo, González-Ortega e colaboradores (2008) as crenças e atitudes mais tolerantes da violência contra as mulheres constituem um fator de risco para a violência. As crenças mais conservadoras sobre os papéis dos homens face às mulheres estão associadas à tendência dos homens para usarem a violência contra as mulheres, culpando-as pela violência sofrida, ao passo que estas os desculpabilizam pelos seus comportamentos. Entre a população mais jovem existe também a crença, principalmente entre os homens, de que o uso de violência é aceitável para a resolução de conflitos. Esta ideia constitui-se como parte integrante da socialização dos jovens para a masculinidade hegemónica, onde a violência nas interações entre os rapazes, nas relações sociais e em diversos contextos, constitui uma dimensão essencial na construção social do que é «ser homem» (Ventura, et al., 2013).

De acordo com González-Ortega e colaboradores (2008) algumas jovens têm a crença, mesmo depois de terem sido agredidas, que o amor consegue superar as dificuldades e os esforços que fazem são suficientes para resolver os problemas. Segundo Mendes e Cláudio

(2010) a população mais jovem tem demonstrado, ao longo do tempo, uma atitude de banalização face à violência, classificando estes comportamentos como atos de ciúme e amor. Desta forma, a tomada de consciência pelos mais jovens para a gravidade deste tipo de comportamentos é diminuída, uma vez que existe uma maior aceitação da violência.

No estudo de Mendes e Cláudio (2010), com estudantes do ensino universitário, demonstrou-se existirem baixos níveis de legitimação em relação a comportamentos violentos, verificando-se uma maior aceitação da violência por parte do sexo masculino, nomeadamente na população mais jovem. Também Afonso (2010), ao estudar casais que se encontravam em situação de namoro, casamento ou união de facto registou resultados semelhantes. Da mesma forma, Ventura e colaboradores (2013) concluíram que apesar da maioria (68,9%) dos jovens discordarem das crenças e atitudes legitimadoras da violência, os homens continuam a evidenciar maiores níveis, em todos os fatores, de legitimação da violência.

Porém, Price e colaboradores (1999) demonstraram que um número significativo de jovens concorda o uso de certo tipo de violência nos relacionamentos íntimos. Ainda assim, os dados sobre as atitudes em relação à violência nos jovens parecem tomar resultados semelhantes aos encontrados na população adulta, onde existe uma atitude em geral de reprovação da violência. Contudo, acabam sempre por surgir diversas crenças que diminuem ou atenuam essa reprovação, legitimando condutas mais abusivas (Caridade & Machado, 2006). Da mesma forma, a nível nacional, Machado e colaboradores (2010), num estudo que incluiu estudantes do ensino secundário, profissional e universitário revelaram que, apesar da maioria dos jovens reprovarem a violência nos relacionamentos íntimos, 18,1% reporta abuso físico e 22,4% abuso psicológico. No entanto, a legitimação à violência foi mais expressiva entre os homens, com níveis socioeconómicos e de educação mais baixos. No mesmo estudo confirmou-se uma relação positiva e significativa entre a legitimação da violência e o comportamento violento.

Para além da revolta e do ciúme, continuam ainda a existir crenças por parte dos jovens acerca do romance, onde os papéis tradicionais de género assumem especial relevância, tornando os próprios jovens mais vulneráveis à violência. Desta forma, Price e colaboradores (1999) demonstraram que as jovens cedem muitas vezes às pressões dos seus companheiros, devido à ideia de subordinação do papel da mulher na relação, aliado ao receio que têm de os perder, caso não obedeçam às exigências que lhe são impostas.

Esta conformidade com as crenças que legitimam a violência parece ser mais elevada entre os homens, devido à autopercepção que têm de si mesmos, como seres com poder e dominância, agindo assim de acordo com os modelos dominantes da cultura (Machado et al. 2003; Price et al. 1999). No estudo de Machado, Matos e Moreira (2003), os homens, mais que as mulheres, são da opinião que a violência masculina poderá ser justificável consoante os comportamentos que as mulheres adotam. O mesmo grupo de homens acredita que a violência poderá ser atribuída a causas externas (e.g. álcool, drogas, pobreza), considera relevante preservar a privacidade familiar e desvaloriza a violência menos severa nos relacionamentos íntimos. Por outro lado, as mulheres continuam a confundir o ciúme com o amor, considerando a violência, de algum modo, aceitável. Nos homens, o ciúme cumpre um papel relevante nas autoatribuições para a violência.

A investigação também revela que os jovens que experienciam violência nas suas relações tem pouco hábito de recorrer a algum tipo de ajuda, apenas 9% destes recorre ao aparelho judicial. Esta situação parece estar associada ao medo de serem culpabilizados, receio que a informação que estão a fornecer não seja confidencial, acham que não vão ser ajudados ou temem que seus pais os pressionem para terminar a relação ou que lhes apliquem determinadas punições. No entanto, quando decidem expor a sua situação, a maioria recorre aos amigos (67%), 17% recorre às mães, 10% aos pais e 2% aos professores (Black & Weisy, 2003).

## **1.5. Modelos explicativos da violência**

### **1.5.1. Modelo da transmissão intergeracional da violência**

O modelo da transmissão intergeracional da violência surgiu na sequência das bases teóricas de Bandura (1971) e da respetiva teoria da aprendizagem social, evidenciando este que a violência demonstrada em certas crianças era reflexo de um comportamento socialmente aprendido, através da observação. Neste caso, o mesmo demonstrou a existência da relação entre o testemunho de uma criança que viu os seus pais envolvidos em situações de violência, e o subsequente comportamento agressivo que terá posteriormente. Deste modo, a criança aprenderá que é normal os pais resolverem os seus conflitos recorrendo à agressão e não a estratégias que promovam o diálogo entre ambos (Black, Sussman & Unger, 2010).

A família é o principal meio de socialização e de aprendizagem da criança, deste modo, a violência praticada pelos pais não só serve de modelo para os comportamentos violentos da criança, como também ensina a adequação e as consequências de tal

comportamento num relacionamento íntimo, através do reforço direto e indireto de recompensas e punições. Deste modo, se o comportamento incorreto for percebido como tendo resultados vantajosos e com poucas consequências negativas tem maior probabilidade de ser replicado no futuro pela criança (Bandura, 1971). Por exemplo, a criança poderá aprender que a violência é uma meio eficaz para resolver os conflitos ou para obter controlo sobre o outro. Desta forma, crianças com pais violentos não terão a oportunidade de observar consequências positivas de gestão efetiva de conflitos, através de métodos de negociação, de raciocínio verbal, estratégias de autocontrolo, e de escuta ativa (Black et al., 2010; Capaldi et al., 2012; Matos, et al., 2006)

Assim, a exposição direta à violência no seio familiar ou o facto de se ter testemunhado violência entre os pais está associado ao risco dessa criança futuramente estar envolvida em comportamento de violência nos seus relacionamentos íntimos, por exemplo através da diminuição da aversão às respostas dos conflitos (e.g. tensão, perceção de exigências) e do aumento dos sentimentos de controlo (Wekerle & Wolfe, 1999). Neste sentido, rapazes que observaram o pai a bater na mãe estão mais predispostos a realizar o mesmo comportamento com as suas mulheres no futuro (Corvo & Carpenter, 2000). Linder e Collins (2005) comprovaram que indivíduos que tenham passado por experiências traumáticas na infância, como abuso infantil, testemunho de violência entre os pais e violação das regras que os pais impuseram reportam elevados níveis de violência contra o parceiro íntimo. Também Roberts, Gilman, Fitzmaurice, Decker e Koenen (2010) concluíram que ter sido testemunha de violência entre os pais estava positivamente associado à perpetração de violência contra o parceiro durante a idade adulta.

### **1.5.2. Teoria da vinculação**

A teoria da vinculação (*attachment theory*) resulta dos trabalhos desenvolvidos por Ainsworth e Bowlby (1991), baseando-se num modelo de desenvolvimento emocional que defende que a ligação da mãe ao bebé exerce influência nos relacionamentos futuros do indivíduo, assim como promove expectativas e assunções acerca do próprio e dos outros. Esta vinculação poderá ter impacto até ao nível das competências sociais e desenvolvimentais do indivíduo ao longo da vida (Ferreira & Pinho, 2009).

Esta teoria contribuiu fortemente para a compreensão da origem e desenvolvimento dos padrões de relacionamentos que se desenvolvem ao longo da vida do indivíduo, dando principal destaque ao valor da primeira relação que a criança estabelece com a figura de

vinculação. Por sua vez, esta figura irá proporcionar a segurança e proteção necessárias, de modo a que a criança sentir-se segura o suficiente para partir para a exploração do meio sabendo, ao mesmo tempo, que tem uma base segura e de conforto sempre que se sinta ameaçada. Deste modo, através das interações contínuas com a figura de vinculação, a criança desenvolverá conhecimentos e expectativas sobre a forma como essa figura responde aos seus pedidos de proteção e proximidade (Pacheco, Costa & Figueiredo, 2003).

A teoria da vinculação no ciclo de desenvolvimento do jovem adulto exige a consideração de tarefas específicas neste período de vida, como o estabelecimento de autonomia e de intimidade. Deste modo, é essencial que o adulto consolide a sua identidade e a diferencie face aos outros, tal permitirá ao sujeito desenvolver a sua construção de intimidade, interdependência e partilha no contexto dos seus relacionamentos íntimos. Por sua vez, esta consolidação de intimidade e autonomia possibilitarão a formação de novas tarefas desenvolvimentais, como o compromisso nas relações íntimas (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007).

A investigação demonstrou que as relações românticas são as mais importantes relações de vinculação na idade adulta, sendo que os estilos de vinculação destes estão relacionados com um conjunto de produtos relacionais

como a confiança, a satisfação, a comunicação e a resolução de conflitos. Assim, o parceiro íntimo passa a ser a principal figura de vinculação (Hazan & Shaver, 1994).

O processo de vinculação nos relacionamentos íntimos pode desenvolver-se em quatro fases. A primeira fase é denominada de pré-vinculação, caracterizada pelo período de atração física, onde os comportamentos afetivos e de sedução, se não forem exclusivamente no sentido da satisfação sexual, irão favorecer o desenvolvimento de laços posteriores. Na segunda fase, a proximidade física já não é apenas motivada pela atração sexual, mas por uma procura de intimidade, através da troca de experiências e sentimentos, com o objetivo de adquirir de uma fonte de segurança. Na terceira fase, os laços afetivos de vinculação estão bem integrados e as trocas emocionais ocupam um lugar central. O vínculo romântico associa-se à diminuição do stresse e à promoção de serenidade. A quarta fase caracteriza-se pelo período pós-romance, onde existe o relacionamento estável e com compromisso. A anterior necessidade de proximidade física não está nesta fase tão presente, uma vez que existe uma maior garantia de interdependência ao nível da ligação emocional (Mintz, 2004).

Quando nos referimos a violência entre parceiros íntimos, a teoria da vinculação constitui-se como uma base relevante para a compreensão da origem dos conflitos entre os

parceiros íntimos, assim como tenta explicar as diferenças individuais dos mesmos para lidar com os seus desacordos (Cassidy & Shaver, 2008).

Os novos desenvolvimentos empíricos sugerem que a qualidade de representação da relação da vinculação com o parceiro íntimo está associada à qualidade do comportamento que pode ser observável nos relacionamentos íntimos, quer ao nível da capacidade de resolução de problemas e comunicação assertiva, quer ao nível das bases de segurança e prestação de cuidados. Deste modo, indivíduos com capacidade de negociação e de resolução de conflitos apresentam maiores níveis de aceitação do parceiro, sentindo-se igualmente mais satisfeitos na sua relação. Em oposição, indivíduos com estilos de vinculação desligados tendem a demonstrar pouco afeto e envolvimento nas suas relações, de forma a evitar conflitos. Por outro lado, indivíduos com uma organização de vinculação segura tendem a confiar mais no outro, vivendo os seus relacionamentos de forma mais positiva, onde existe uma expressão mútua de afetos positivos. Da mesma forma que os parceiros que se demonstram seguros manifestam maior capacidade em solicitar e prestar cuidados ao parceiro (Crowell, Treboux & Waters, 2002; Holmes & Johnson, 2009; Rauer, Pettit, Lansford, Bates & Dodge, 2013).

Dutton (2006) desenvolveu um modelo que explica a relação entre a vinculação e a violência entre parceiros íntimos, sugerindo que homens com vinculações inseguras são mais violentos nas suas relações amorosas. Desta forma, homens que pratiquem atos de violência para com os seus parceiros estão mais predispostos a experienciar sentimentos de ansiedade e de abandono, por isso poderão demonstrar necessidades acrescidas para exercer controlo nos seus relacionamentos íntimos, de forma a lidar com o próprio stresse (Dutton et al., 1994).

Alguns estudos têm vindo a evidenciar a relação entre a violência nos relacionamentos íntimos e estilos de vinculação inseguros. Por exemplo, Magdol, Moffitt, Caspi e Silva (1998) demonstraram, através de um estudo longitudinal, que vinculações fracas com os pais (i.e. onde existe um ambiente pouco afetuosos, sem confiança e caracterizado pela falta de comunicação positiva) predisseram índices de maior violência perpetrada por homens nas suas relações íntimas. McDermott e Lopez (2013) sugerem que adultos com inseguranças ao nível da vinculação estão associados à tendência para experienciar stresse, devido a violações ou quebras de normas de papéis masculinos tradicionalmente rígidos que, por sua vez, estão associados a uma maior aceitação da violência entre parceiros íntimos. Kuijpers, van der Knaap e Winkel (2012) demonstraram que um estilo evitativo de vinculação é um forte preditor da (re)vitimização entre parceiros.

### 1.5.3. Modelo ecológico

Este modelo insere-se nas teorias multifatoriais que explicam a violência nos relacionamentos íntimos, incorporando influências de outras teorias que tratam a violência a partir de fatores individuais, socioculturais, diádicos (i.e. entre duas pessoas) e situacionais. Deste modo, dada a complexidade de fatores relacionados com a violência nas relações íntimas, os modelos multifatoriais são considerados como heurísticos, uma vez que compreendem diversos tipos de abordagens teóricas (Bartholomew, Cobb & Dutton, in press). Segundo Krug e colaboradores (2002) não existe apenas um fator que explique a razão pela qual determinados indivíduos se comportam de modo violento em relação a outros ou porque é que a violência é mais frequente em certas comunidades, por essa razão é que o modelo ecológico parece ser o mais apropriado, uma vez que a violência resulta de um complexo conjunto de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais.

Dutton (1985) foi dos primeiros autores a aplicar a teoria do modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979) ao abuso nos relacionamentos íntimos, no qual os fatores de risco se inseriam em quatro níveis de análise. No nível «ontogenético» associam-se as características individuais e as histórias desenvolvimentais (e.g. distorções cognitivas, estratégias de regulação emocional e aprendizagem com acontecimentos passados) que poderão predispor os indivíduos para a violência. O «microssistema» envolve aspetos situacionais ou circunstanciais, nos quais a violência nos relacionamentos íntimos pode ocorrer (e.g. dinâmica dos relacionamentos, estrutura familiar, antecedentes imediatos e consequências de um comportamento abusivo). A confiança e os padrões de comunicação num relacionamento amoroso poderão interagir com a predisposição do indivíduo para o ciúme, aumentando assim as probabilidades para a violência em determinadas circunstâncias. No «exossistema», incluem-se as estruturas sociais, como os amigos, as redes sociais, as normas dos locais de trabalho, as condições económicas familiares, e as instituições legais que, por sua vez, fazem a interligação dos indivíduos e das suas famílias à comunidade. Por último, temos como nível mais amplo o «macrossistema», que se refere ao contexto cultural, onde se incluem as normas sociais, os valores e crenças culturais, tendo em conta o género e o poder das diversas sociedades, que ditam o modo como se gerem os relacionamentos e a propensão para a violência nas relações íntimas (Bartholomew, Cobb & Dutton, in press; Finkel & Eckhardt, 2011).

Mais tarde a OMS (2010) utilizou o modelo ecológico no seu relatório mundial sobre a violência e saúde, de modo a explicar os diversos fatores de risco e de proteção, a partir de várias áreas de influência. Dessa forma, desenvolveu o seu próprio modelo ecológico com base nas evidências em modelos psicológicos sobre fatores de risco individuais e modelos de género acerca de fatores de risco sociais.

O modelo ecológico da OMS também incorporou quatro níveis de influência, onde cada nível se sobrepõe e interage face a outro. Assim, a nível individual compreendem-se os fatores biológicos, pessoais, demográficos, as perturbações de personalidade, o abuso de substâncias, e o historial de comportamentos violentos. Desta forma, todos estes fatores incluem o que o indivíduo traz de mais pessoal para a relação, como as atitudes, crenças, valores que, por sua vez, vão influenciar a probabilidade do sujeito se tornar agressor ou vítima de violência (Krug et al., 2002; Sliwka & Macdonald, 2009).

No nível relacional explora-se a qualidade e os padrões de relacionamentos que o indivíduo tem com a família, amigos e parceiros íntimos. Deste modo, nos casos em que existe violência entre parceiros íntimos, o facto dos mesmos interagirem partilharem diariamente o mesmo espaço aumenta a probabilidade de episódios de violência surgirem. No caso dos relacionamentos com a população mais jovem, a investigação sugere que os jovens estão muito mais predispostos para entrarem em comportamentos negativos quando os mesmos são aprovados pelos amigos. Desse modo, parceiros íntimos, amigos e família todos têm potencial de influenciar e moldar o comportamento dos indivíduos (Krug et al., 2002).

A nível comunitário compreende-se o contexto onde as relações sociais estão inseridas, como as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, procurando identificar as características destes ambientes que estão associados à perpetração e vitimização de violência. Assim, locais onde exista uma elevada mobilidade residencial (i.e. locais habitacionais onde as pessoas não fiquem durante longos períodos de tempo), zonas em que exista grande heterogeneidade populacional, existindo poucos fatores capazes de unir a comunidade, aliados a uma alta densidade populacional são exemplos de características que estão associadas à violência. Do mesmo modo que comunidades onde exista frequente tráfico de droga, elevados níveis de desemprego e uma comunidade em que os vizinhos vivem isoladamente uns dos outros são também fatores que podem aumentar o risco de violência (Krug et al., 2002)

Por último, a nível social compreendem-se os fatores que são capazes de gerar um clima de aceitação face à violência, ao mesmo tempo que cria e sustenta diversas lacunas entre diferentes segmentos da sociedade. Os principais fatores sociais são as normas sociais e

culturais relativamente aos papéis de género ou aos relacionamentos de pais para filhos, a capacidade de resposta do sistema penal, a desigualdade de rendimentos salariais, o sistema de segurança social, a disponibilização de armas de fogo, a aceitação social da violência, a exposição da violência através dos meios de comunicação social e a instabilidade política. O sistema de crenças acaba também por afetar toda a população em determinada sociedade e cultura, como o sexismo, os estereótipos de papéis de género, a legitimação de violência ou as normas familiares (Krug et al., 2002; Sliwka & Macdonald, 2009).

### 1.6. Principais perspetivas teóricas

Existem duas perspetivas que dominam na literatura quanto à violência nos relacionamentos íntimos: a perspetiva feminista (Roberto, McCann & Brossoie, 2013) e a perspetiva dos sociólogos da família (*family violence researchers*) (Hines & Saudino, 2003). Os investigadores de ambas as perspetivas usam geralmente metodologias diferentes, nomeadamente através da forma como a violência é conceptualizada, medida e reportada nas diferentes investigações o que, por sua vez, contribui para gerar alguma inconsistência na literatura (Dobash & Dobash, 2004; Randle & Graham, 2011; White, 2009).

As perspetivas mais tradicionalistas sobre a violência nos relacionamentos íntimos, conhecidas como perspetivas feministas, têm-se centrado na premissa que os homens têm maior tendência que as mulheres para partirem para atos violentos nas suas relações íntimas. Desta forma, conceptualizam a ideia que se trata de um fenómeno unidirecional, neste caso, a perpetração é exclusivamente masculina. Tanto é que a própria expressão «violência conjugal» é considerada um eufemismo para «mulheres agredidas», ou na língua inglesa, conhecida como *wife battering*. Esta teoria assenta numa análise sociológica do patriarcado, onde existe o domínio masculino, manifestado sobre a forma de controlo, poder e violência nos relacionamentos íntimos (Casimiro, 2008).

A perspetiva feminista encara a violência como uma forma de domínio e controlo do homem sobre a mulher (subordinada). A mesma teoria defende que a violência nos relacionamentos íntimos é um problema assimétrico, ou seja, só afeta as mulheres. Dessa forma, deve ser tratado como um problema social para as mulheres (Casimiro, 2008). Desde os anos 70 que esta perspetiva domina na literatura, realçando a prevalência das mulheres vítimas de violência pelo parceiro, onde problemas como a perturbação pós stress traumático estão normalmente associados a esta. Os «feministas» estão particularmente interessados no contexto de género das vidas das mulheres, enaltecendo as desigualdades de género, a

emancipação feminina e a defesa da mudança social (McHugh & Cosgrove, 2004). Muitos destes defensores vêem o sexismo e a desigualdade feminina nas sociedades patriarcais como a principal causa da violência nos relacionamentos íntimos, outros consideram que o homem faz apenas uso da violência como forma de manter o controlo da relação, estando assim de acordo com as normas das sociedades patriarcais. Este tipo de defensores é da opinião que quando a mulher é violenta com o parceiro está apenas a agir em autodefesa ou, então, como resposta a anteriores vitimizações (Felson & Messner, 2000).

Investigadores da perspectiva feminista recolhem habitualmente os seus dados junto de populações que estão num dado momento em risco, como é o caso de mulheres que se encontram em casas-abrigo, hospitais ou polícia. Desta forma, a sua amostra irá ser constituída maioritariamente por casos graves de violência entre parceiros íntimos. Este tipo de investigadores interessa-se mais na descrição da extensão, dinâmica e intensidade da violência exercida pelo homem sobre a mulher (Casimiro, 2008; Graham-Kevan & Archer, 2005).

Por sua vez, a perspectiva dos sociólogos da família defende que homens e mulheres são ambos passíveis de sofrer vitimização um do outro. Para estes teóricos, a violência entre o casal é uma realidade com duas perspectivas: a violência masculina e a violência feminina. Deste modo, a atenção é centrada na dinâmica familiar e/ou conjugal, fazendo-se uso a expressões como «relações violentas», «abuso mútuo» ou «violência no casal», ao invés de expressões como «mulher agredida» ou «abuso da mulher» (Casimiro, 2008).

Os investigadores que defendem este tipo de teoria têm vindo a recorrer a metodologias mais quantitativas, como as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS2) de Murray Straus, questionário que ficou conhecido a partir da década de 70 e que analisa as diferentes dimensões da violência familiar. Este questionário permite identificar os meios frequentemente utilizados pelo casal para resolver os próprios conflitos, onde se avaliam três táticas diferentes: por um lado o recurso à discussão racional e à argumentação, por outro, à agressão verbal (e.g. insultos, ameaças) e à violência física (e.g. bater, empurrar) (Straus, 2007).

Este tipo de inquéritos recolhe normalmente amostra junto da população em geral e não, particularmente, a mulheres que estão em casas-abrigo, hospitais ou com processos em tribunais devido a violência doméstica, uma vez que se sabe, à partida, que estas sofrem de violência frequente por parte do parceiro íntimo (Kelly & Johnson, 2008). Por outro lado, tais inquéritos permitiram concluir, a partir de estudos realizados em vários países (e.g. Estados

Unidos da América, Canadá, Finlândia, Austrália, Reino Unido), que as mulheres são tão ou mais violentas que os seus parceiros (Archer, 2000). Normalmente os defensores da teoria feminista estão tão focados nas mulheres vítimas de violência, que se abstraem dos outros tipos de violência praticada pela restante população (Kelly & Johnson, 2008). Segundo Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), desde que as CTS foram criadas, tem vindo a ser cada vez mais utilizado em contexto de violência nos relacionamentos íntimos (cerca de 20 países de diferentes culturas).

### **1.7. (As)simetria de género – diferenças e semelhanças ao nível da violência**

Sempre existiu, em torno da investigação, um grande debate sobre a questão: «Quem pratica mais violência, os homens ou as mulheres?». Deste modo, existe uma grande quantidade de investigação que suporta as diferentes perspetivas (Dobash & Dobash, 2004). Por exemplo, Shorey e colaboradores (2008) demonstraram que os homens praticavam mais violência física e psicológica que as mulheres. Do mesmo modo, existe também literatura que suporta o facto contrário: demonstrando que são as mulheres quem pratica mais violência física e psicológica face aos homens (Archer, 2000; Hines & Saudino, 2003; Katz, Kuffel & Coblenz, 2002). Entre adolescentes, existe investigação que indica que as mulheres exercem mais violência que os homens (Arriaga & Foshee, 2004; Lichter & McCloskey, 2004; Munoz-Rivas, Grana, O'Leary & Gonzalez, 2007). Apenas parece existir maior concordância entre estudos quando se trata a violência sexual, concluindo estes que os homens, por norma, praticam maiores níveis de violência sexual (Hines & Saudino, 2003).

É importante realçar que as investigações realizadas no âmbito dos relacionamentos íntimos juvenis vieram refutar a ideia anterior e comum que os homens são sempre os ofensores e as mulheres as suas vítimas (Caridade & Machado, 2006). Desta forma, a maioria das investigações nacionais e internacionais desenvolvidas nesta área revelam níveis semelhantes de perpetração e vitimação entre homens e mulheres (Cornelius, Shorey & Beebe, 2010; Cross, Tee & Campbell, 2011; Hines & Saudino, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Richardson, 2005; Straus, 2008, 2010; Whitaker et al. 2007). A título de exemplo, é possível verificar que Straus (2008), com uma amostra de 13,601 estudantes universitários em 32 países, evidenciou que quase um terço desta amostra foi vítima de agressão física pelo seu parceiro no ano anterior à investigação e que o padrão mais comum de violência foi bidirecional, ou seja, ambos foram violentos. Do mesmo modo que Straus e Ramirez (2002)

constaram, através de quatro amostras de indivíduos oriundos de contextos culturais distintos, que a simetria de género estava presente em todos eles.

Contudo, quando se analisam as diferenças sob o ponto de vista qualitativo as semelhanças deixam de ser tão notórias. Desta forma, ao analisar-se o contexto e as consequências do abuso verifica-se que, regra geral, as mulheres experienciam níveis mais elevados de violência severa, reações emocionais mais acentuadas e uma maior probabilidade de saírem lesadas física e psicologicamente da situação, comparativamente à população masculina. (Archer, 2002; Caridade & Machado, 2008; Hamberger, 2005; Swan et al., 2008; Straus, 2010; Tjaden & Thoennes, 2000; Whitaker et al., 2007). Tal poderá estar relacionado com o facto dos homens serem geralmente maiores e mais fortes que as parceiras e, por isso, serem mais propensos a magoar as mesmas, incluindo quando são usados níveis mais baixos de violência (e.g. esbofetear ou empurrar) (Frieze, 2005). Deste modo, as mulheres entram com mais frequência nos serviços de emergência hospitalar, devido às lesões provocadas pelas agressões do parceiro (Hamberger, 2005).

Machado, Matos e Moreira (2003), utilizando as mesmas metodologias e instrumentos de medida não encontraram diferenças de género significativas, ao nível da violência, junto da população universitária, no entanto, estas fizeram-se notar ao analisar relações do tipo conjugal. Este fenómeno pode ser explicado devido às diferenças de idades das amostras e às crenças mais igualitárias da população mais jovem. Poderá também ser explicado a partir das transformações estruturais que geralmente surgem associadas ao casamento, como o maior controlo familiar, os filhos e a dependência económica. Tais fatores podem alterar as relações de poder entre o casal, aproximando-se assim dos modelos tradicionais de relacionamento de género (Caridade & Machado, 2006).

Segundo Kelly e Johnson (2008) a violência pode ser considerada simétrica, em termos de género, em alguns tipos de violência, do mesmo modo que também pode ser assimétrica, onde muitas vezes os agressores são mulheres e os ofendidos homens. Portanto, o debate da simetria ou da assimetria da violência entre parceiros íntimos pode ser explicado simplesmente através de fatores como o tipo de amostra ou o tipo de medidas que são utilizadas pelos investigadores para justificar o objetivo do seu estudo. Além disso, existem também diferentes tipos de violência na sociedade que estão representados em diversos tipos de amostras (Babcock, Green, Webb & Yerington, 2005).

Como já foi mencionado, amostra recolhida principalmente junto de casas-abrigo para mulheres, registos policiais, programas de tratamento encaminhados por tribunais e salas

de emergência médica, são exemplos onde existe maior probabilidade de se encontrar evidências de violência física e psicológica severa. A violência é maioritariamente realizada através do controlo e do poder que o homem exerce sobre a mulher, resultando, por vezes, em ferimentos ou lesões para a agredida. Nestes casos, a violência é assimétrica e perpetrada maioritariamente por homens que agredem as suas companheiras (Dutton, 2005).

Por outro lado, quando os dados são recolhidos à escala regional ou nacional, registam-se valores mais simétricos de violência, perpetrada tanto por homens como por mulheres. Contudo, esta violência é menos severa que a descrita anteriormente, emergindo sobretudo em situação de conflito e discussão entre o casal. Normalmente, este tipo de violência não resulta em danos físicos, não sendo por isso necessária prestação de cuidados médicos, recurso a polícia ou a casas-abrigo para as vítimas (Jonson, 2006). Segundo Johnson (2006), a prática deste tipo de violência é mais comum para a maioria dos casais (89%), em amostras recolhidas a grande escala, ao passo que a violência severa e coerciva é partilhada apenas por 11% da amostra. Importa também destacar que a violência ligeira é muito equilibrada ou simétrica em termos de género.

### **1.8. Ciclo de violência**

A violência no namoro, tal como a violência conjugal, deve ser interpretada como um sistema circular onde as dinâmicas do casal se expressam sistematicamente por três fases, podendo estas variar dependendo do tempo e intensidade da situação (Soroptimist, 2013). “Este padrão da interação do casal termina, onde, antes, começou” (APAV, 2010, p. 26). Estas fases correspondem 1) ao aumento de tensão, 2) ao ataque violento, e 3) à lua-de-mel. A primeira fase do ciclo caracteriza-se por tensões acumuladas no dia-a-dia, pelas injúrias e ameaças do agressor, dando à vítima a sensação de perigo eminente e de culpa por tais tensões. Os abusadores poderão gritar com a vítima por alguma razão e fazer falsas acusações sobre esta. Nesta fase a vítima tenta acalmar o agressor, adotando uma postura de carinho e complacência face ao agressor. A vítima tenta antecipar todos os desejos e caprichos do agressor com o objetivo de prevenir os incidentes que poderiam ocorrer. Em geral, o clima que o casal vive é de grande tensão, aumentando esta à medida das suas interações (APAV, 2010).

Na segunda fase, o agressor acaba por partir para a violência física, psicológica e/ou sexual sobre a vítima, aumentando igualmente a frequência e a intensidade da mesma. Assim, os agressores poderão dar bofetadas, pontapés, empurrões, atirar objetos contra o parceiro

(violência física), bem como assustar, ameaçar e humilhar a vítima (violência psicológica), ou então tentar abusar sexualmente do parceiro (violência sexual). Nesta fase, a vítima vê-se na maioria das vezes impossibilitada de acalmar o agressor, pois este já se encontra numa fase de grande tensão (APAV, 2010).

Na terceira fase o agressor dá especial atenção e carinho à vítima, desculpabilizando-se, por vezes de modo excessivo, dos seus atos de violência e comprometendo-se a mudar de comportamento. O agressor chega a mostrar remorsos pelo sucedido, assegurando que não voltará a magoar a vítima novamente. Pode também chegar a comprar flores ou outro tipo de presentes, como forma de compensar a vítima pelo mal que lhe fez. Passado algum tempo, eventualmente, o período de «lua-de-mel» e arrependimento acaba por passar e o agressor começa a achar que o seu companheiro tem demasiada liberdade e a violência volta de novo a surgir. O agressor pode inclusive culpar a vítima do seu comportamento explosivo e abusivo ou então poderão responsabilizar o seu comportamento devido ao álcool ou às drogas. Deste modo, o padrão de interação repete-se passado um período de tempo, tendendo este a encurtar-se à medida que os ataques vão sendo mais frequentes e violentos (APAV, 2010; Soroptimist, 2013).

### 1.9. Fatores de risco

Segundo Richman e Fraser<sup>2</sup> o risco define-se “pela presença de um ou mais fatores ou influências que aumentam a probabilidade de um resultado negativo”. Os fatores de risco podem ter na sua base atributos individuais ou ter origem nos condicionamentos do meio, podendo aumentar a probabilidade de um indivíduo se tornar violento, no entanto, os fatores de risco não são a causa direta da violência conjugal, são apenas condicionantes (Ribeiro & Sani, 2009, p.402).

De acordo com a OMS (2010), os fatores de risco aumentam a probabilidade de um indivíduo se tornar vítima e/ou perpetrador de violência conjugal, nomeadamente, da violência sexual. Por outro lado, os fatores de proteção protegem os indivíduos de virem a ser vítimas e/ou perpetradores de violência nos relacionamentos íntimos, devendo estes ser desenvolvidos através de intervenções estruturais que tenham como objetivo a igualdade de género.

---

<sup>2</sup> Richman, J. M. & Fraser, M. W. (2001). *The context of youth violence resilience, risk and protection*. Westport, CT: Praeger in Ribeiro, M. C., & Sani, A. I. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 400-407.

### 1.9.1. Fatores de risco individuais

Ao nível dos fatores individuais, a «juventude» de um indivíduo aparenta ser um fator de risco tanto na perspectiva da vítima como do agressor. O facto de um indivíduo ser jovem e do sexo masculino faz com esteja mais predisposto para a agressão física ao parceiro, assim como as mulheres estão predispostas para sofrer de violência junto dos parceiros (Romans, Forte, Cohen, Du Mont & Hyman, 2007). Também Kim, Laurent, Capaldi e Feingold (2008), que acompanharam 194 jovens casais, afirmaram que a violência no relacionamento íntimo por parte dos homens tem tendência a diminuir com o passar do tempo. Deste modo, a idade pode ser um fator protetor face à violência nos relacionamentos íntimos (Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012).

O «género» do indivíduo também pode ter alguma influência ao nível da perpetração e vitimação da violência. Contudo, a literatura não é consensual a este nível, uma vez que existem dados que defendem que as mulheres sofrem mais de violência (e.g. McHugh & Cosgrove, 2004) e outros que argumentam que a violência praticada por mulheres é relativamente a mesma, se não superior em alguns casos, à dos homens (e.g. Archer, 2000; Straus, 2010). Archer (2000), numa meta-análise, verificou que as mulheres tinham uma ligeira tendência para perpetrar mais abuso físico que os homens. Ao passo que os homens teriam mais probabilidade de provocar algum tipo de lesão ou dano na mulher, registando 62% de casos de mulheres agredidas por violência. Do mesmo modo, Capaldi, Kim e Shortt (2007), observaram que as mulheres cometiam maiores níveis de violência física que os homens no final da adolescência, mantendo-se esta tendência até aos 26 anos de idade.

A «educação» e o «nível socioeconómico» de uma pessoa também se pode repercutir ao nível da violência no relacionamento íntimo. De facto, baixos níveis de educação parecem ser um dos principais fatores que está associado à perpetração e vitimização de violência, na maioria dos estudos (Ackerson et al., 2008; Chan, 2009; Johnson & Das, 2009). A título de exemplo, as mulheres que apresentam baixos níveis educacionais têm duas a cinco vezes mais probabilidade de se envolverem em violência, assim como, os homens com menores níveis de educação também têm 1,2% a 4,1% mais probabilidade de exercer violência em relações íntimas (Ackerson et al., 2008). Deste modo, os casais com maiores níveis de educação demonstram menores níveis de violência contra o parceiro íntimo (OMS, 2010). Cunradi e colaboradores (2002) concluíram que a educação era um fator bastante significativo relativamente aos níveis de violência praticados pelo casal, comparando com a própria situação de emprego do indivíduo. Lussier, Farrington e Moffitt (2009), controlando fatores

como o comportamento antissocial, afirmaram que o único fator de risco associado à violência nos relacionamentos íntimos era o baixo QI masculino.

A «exposição a maus-tratos infantis» está também relacionada com a perpetração e vitimização de violência contra o parceiro íntimo. Uma análise sistemática resumiu dez estudos que demonstravam que a exposição a violência durante a infância aumentava, três a quatro vezes, a probabilidade de perpetração de violência em idade adulta, por parte dos homens (Gil-Gonzalez et al., 2008). Assim como, outra meta-análise demonstrou que a exposição ao abuso sexual durante a infância aumenta, em mais de três vezes, a probabilidade de um homem ser agressor de violência sexual contra a mulher (Jespersen, Lalumiere & Seto, 2009).

A «exposição à violência interparental» em idade infantil está igualmente associado tanto à perpetração como à vitimização no início da idade adulta (entre os 23 e os 26 anos de idade). O facto da criança ter testemunhado episódios de violência entre os pais poderá levar o indivíduo futuramente a ter dificuldades ao nível do controlo de conflitos, aumentando os seus níveis de agressividade e os problemas de conduta (Narayan, Englund & Egeland, 2013). Robert e colaboradores (2010) especificam esta situação, concluindo que os homens que testemunharam violência interparental são mais propensos para a violência nos relacionamentos íntimos.

As perturbações relacionadas com a «personalidade antissocial» e as suas características (e.g. impulsividade e falta de empatia) estão associadas à perpetração de violência contra o parceiro íntimo, incluindo a violência sexual. Este tipo de sujeitos está mais propenso a ignorar as normas sociais e tem maior tendência para a agressividade e impulsividade (Chan, 2009). Neste sentido, Andrews, Foster, Capaldi e Hops (2000), num estudo realizado com jovens de ambos os sexos, concluíram que a comunicação agressiva da família e o comportamento antissocial predisseram algum tipo de violência nos relacionamentos íntimos entre os casais. Da mesma forma, Woodward e colaboradores (2002), observaram que os indivíduos que evidenciaram comportamentos antissociais numa idade mais jovem têm mais probabilidade de serem agressores ou vítimas de violência pelo parceiro íntimo, do que aqueles que não tiveram esse tipo de comportamentos ou os iniciaram mais tarde. Nesta investigação não houve ainda diferenças entre géneros quanto aos resultados finais.

O «uso de álcool e drogas» está também associado aos fatores de risco relacionados com a vitimização e perpetração da violência contra o parceiro íntimo. No entanto, o abuso de

álcool é o indicador mais frequentemente apontado pelos vários estudos, uma vez que o álcool é considerado um potencial desinibidor que poderá levar à agressão (Capaldi et al., 2012). Por exemplo, Gil-Gonzalez e colaboradores (2006), ao analisarem 11 investigações sobre esta matéria concluíram que o abuso de álcool estava associado a uma probabilidade 4,6 vezes superior de risco para violência contra o parceiro íntimo.

Num estudo longitudinal, Reyes, Foshee, Bauer e Ennett (2010) sugeriram que o uso abusivo de álcool estava significativamente associado à violência nos relacionamentos íntimos, independentemente de géneros. Os jovens que abusaram de álcool reportaram níveis mais elevados de violência nos seus relacionamentos íntimos. Contudo, estes resultados devem ser analisados com precaução, uma vez que a associação entre o álcool e a violência não é tão forte como se esperaria, já que outros fatores como os comportamentos antissociais poderão estar também envolvidos (Capaldi et al., 2012; Gil-Gonzalez et al., 2006).

A «aceitação da violência» é outro dos fatores de risco apontados pela OMS (2010), que afirma que as atitudes dos homens e mulheres perante a violência está fortemente correlacionada com o risco de violência contra o parceiro íntimo. Deste modo, os homens que acreditam que é «sempre aceitável bater numa mulher» têm quatro vezes mais hipóteses de vir a agredir uma mulher, comparando com os homens que acham que «às vezes é aceitável bater numa mulher», tendo estes duas vezes mais hipóteses de vir a concretizar este mesmo ato (Johnson & Das, 2009). Da mesma forma que a aceitação por parte das mulheres de violência contra o parceiro íntimo também está associada a maiores níveis de vitimização por parte destas (Uthman, Lawoko & Moradi, 2009).

As «atribuições hostis, as atitudes e as crenças» também poderão estar associadas à violência nos relacionamentos íntimos. Deste modo, Capaldi e colaboradores (2001) mostraram que as conversas hostis acerca das mulheres, observadas junto dos parceiros com idades entre os 17 e 18 anos, eram preditoras significativas de violência no relacionamento íntimo futuro (entre os 20 e os 23 anos de idade). Connolly e colaboradores (2010), junto da população adolescente, sugeriram que as atitudes de agressão-tolerância, e relacionamentos hostis estavam significativamente relacionadas com a violência no namoro.

### **1.9.2. Fatores de risco relacionais**

Dentro dos fatores de risco relacionais destacam-se a «multiplicidade de parceiros sexuais» e a «infidelidade», estando o sexo masculino mais propenso para a violência com o parceiro íntimo, nomeadamente ao nível da violência sexual (Chan, 2009; Johnson & Das,

2009; Tang & Lai, 2008). No entanto, é importante ressaltar que estes resultados foram recolhidos com base nas percepções femininas. Acredita-se que os homens que vão ao encontro de múltiplos parceiros sexuais fazem-no em busca de *status* e autoestima, tendo assim a hipótese de se relacionarem de forma impessoal e sem vínculos afetivos com outras parceiras (Jewkes et al., 2006). Este tipo de homens tem igualmente uma maior propensão para adotar comportamentos de risco, ao recusarem, por exemplo, a utilização do preservativo que, por sua vez, irá aumentar a probabilidade, do próprio e dos parceiros sexuais, contraírem infeção pelo VIH (vírus da imunodeficiência humana) (OMS, 2010).

O «tipo de relacionamento íntimo» que cada indivíduo tem com o seu par pode também ser associado a um fator de risco para a violência no relacionamento íntimo, incluindo-se situações de casamento, união de facto, divórcio ou namoro (Capaldi et al. 2012). Dessa forma, Cui, Durtschi, Donnellan, Lorenz e Conger (2010) demonstraram que casais que vivem em união de facto estão mais propensos a perpetrar violência contra o parceiro, comparando com casais que vivem maritalmente. Semelhantemente, Herrera e colaboradores (2008) evidenciaram que a agressão por parte de homens e mulheres era mais provável de acontecer junto de casais que vivessem em união de facto, comparando com casais de namorados que não viviam juntos. Hyman, Forte, Du Mont, Romans e Cohen (2006) evidenciaram também que as mulheres que se encontravam solteiras, divorciadas, separadas ou viúvas estavam dez vezes mais propensas para reportar algum episódio de vitimização de violência no relacionamento íntimo, comparando com as mulheres que viviam maritalmente.

### **1.9.3. Fatores de risco comunitários**

Variáveis como a «vizinhança» e a «comunidade» têm sido associadas como fatores de risco para a violência em relacionamentos íntimos. Jain, Buka, Subramanian e Molnar (2010), num estudo longitudinal, avaliaram a contribuição da eficácia coletiva (e.g. coesão comunitária, entreajuda entre vizinhos) como fator de risco para a violência no namoro em jovens adultos. Deste modo, verificou-se que elevados níveis de eficácia coletiva apenas reduziam o risco de vitimação junto da população masculina, não sendo significativo ao nível da perpetração masculina ou feminina. De modo semelhante, Rothman e colaboradores (2011) concluíram que baixos níveis de eficácia coletiva, baixo controlo social e uma elevada desordem na vizinhança estavam associados a violência nos relacionamentos íntimos, apenas junto da população adolescente, nos adultos tal não se verificava.

O *World report on violence and health* sugeriu que os níveis gerais de abuso na comunidade dependem da resposta da comunidade à violência praticada pelos parceiros (Heise & Garcia-Moreno, 2002). Neste seguimento, Counts, Brown e Campbell (1992) concluíram que as sociedades que apresentavam os índices mais baixos de violência entre parceiros correspondiam àquelas onde as sanções comunitárias eram mais severas para os agressores e onde, simultaneamente, as mulheres vitimizadas tinham um lugar para solicitar apoio quando precisassem, como casas-abrigo ou outras instituições que apoiem a vítima. Este tipo de sanções gera na própria comunidade um senso de moralidade que impele, por exemplo, um vizinho a denunciar às autoridades quando tem conhecimento que uma mulher é agredida. Deste modo, sugere-se que as comunidades onde a mulher tem um papel pouco assertivo ou relevante os níveis de violência para com estas serão superiores (OMS, 2010).

O «contexto escolar» (i.e. percepção de segurança na escola, ligação à escola e desvantagem económica escolar) está também associado a fatores de risco, nomeadamente ao nível das relações com populações jovens. Desta forma, Foshee e colaboradores (2011) encontraram associações entre a ligação que o jovem tem com a escola e a perpetração de violência no relacionamento íntimo. Conclui-se então que uma boa ligação à escola estava associada a uma menor propensão para perpetração de violência entre pares.

#### **1.9.4. Fatores de risco sociais**

Investigações realizadas em diferentes culturas têm demonstrado que fatores sociais e culturais podem ter influência nos atos de violência entre parceiros íntimos (OMS, 2010). Levinson (1989), ao comparar 90 sociedades ao nível dos padrões culturais, concluiu que as agressões a mulheres se evidenciavam mais em sociedades em que os homens tinham maior poder económico e decisivo no lar, ao passo que as mulheres, não tinham um acesso facilitado ao divórcio e os indivíduos recorriam com frequência à violência de modo a resolverem os seus problemas.

Como já foi mencionado, a perspetiva feminista explica a perpetração e a vitimização da violência praticada pelo parceiro íntimo através da manutenção do patriarcado ou do domínio do sexo masculino na sociedade (Taft, 2009). Segundo esta perspetiva as desigualdades de género refletem-se na legitimação da violência praticada pelo parceiro íntimo, atuando a nível social, comunitário, relacional e individual. Deste modo, os homens, neste tipo de sociedade, são levados a acreditar que são superiores às mulheres e, por isso, devem dominar as suas parceiras de forma a enquadrarem-se com as normas tradicionais de

género da sua cultura (Russo & Pirlott, 2006). As mulheres que têm mais habilitações e são mais competentes são frequentemente estigmatizadas pela restante sociedade. Esta desigualdade de género, que se faz sentir em algumas sociedades, reduz drasticamente as oportunidades das mulheres de se envolverem em tomadas de decisões, aumentando a aceitação ou legitimação da violência sobre estas. Existem ainda diferenças de género ao nível do acesso aos cuidados de saúde, na educação, nas oportunidades de emprego, nas promoções de carreira, na participação e representação política. É, por isso, premente que intervenções macrossociais atuem neste tipo de sociedades, promovendo apoios e recursos estruturais, de modo a minimizar a desigualdade de género (Fawzi et al., 2005; OMS, 2010).

### **1.10. Consequências da violência**

As várias experiências de abuso físico, psicológico e sexual nos relacionamentos íntimos poderão ter consequências a curto e a longo prazo (Breiding et al., 2014). Deste modo, os efeitos a curto prazo podem incluir um conjunto de reações emocionais como medo, isolamento, raiva e mal-estar emocional, assim como queixas somáticas, tais como problemas gastrointestinais, insónias, dores de cabeça e dor pélvica. Ao nível dos efeitos a longo prazo estes podem incluir o abuso de drogas e álcool, depressão, sintomas pós stress traumáticos, sintomas dissociativos, disfunções do comportamento alimentar e comportamentos sexuais de risco. (Matos, et al., 2006; Paiva & Figueiredo, 2003).

A violência psicológica pode resultar num conjunto de consequências físicas e mentais negativas para a vítima, independentemente do género (Shorey et al. 2012). Apesar de ser difícil distinguir os efeitos das agressões físicas para as agressões psicológicas, estas últimas estão associadas ao aumento do consumo de álcool (Shorey, Rhatigan, Fite & Stuart, 2011), ao uso de drogas (Moore et al., 2008), a sintomas depressivos (Johnson, Giordano, Longmore & Manning, 2014), bem como ansiosos (Shorey et al., 2011) e a queixas somáticas (Kaura & Lohman, 2007). Foshee e colaboradores (2013), num estudo longitudinal, concluíram que, para ambos os sexos, a vitimação psicológica predizia o aumento do consumo de álcool e a vitimação física predizia o aumento do consumo de tabaco.

As vítimas de violência sexual possuem também consequências semelhantes e, noutros casos, diferentes da violência física e psicológica. Segundo Caridade e Machado (2008) é frequente encontrar-se junto deste tipo de vítimas sintomas como depressão, ansiedade, humilhação, abuso de substâncias, baixa autoestima, isolamento, receio de contrair doenças sexualmente transmissíveis, disfunções sexuais, entre outros. Ulman (2004)

demonstrou que a maior parte das tentativas de suicídio feminino são atribuídas a problemas psiquiátricos (70%), restando 12% para violação sexual e 7% para a molestação. No mesmo sentido, Ackard e Neumark-Sztainer (2002) aferiram que metade dos indivíduos (homens e mulheres) que passaram por algum tipo de violência no namoro, incluindo violação, demonstrava baixa autoestima, perturbações alimentares e comprometimento ao nível do bem-estar emocional.

Matos (2002) considera que a violência nos relacionamentos íntimos pode refletir-se nas vítimas através de uma autoperceção desvalorizada e um sentimento de impotência e ceticismo, que não permite que estes indivíduos se percecionem como seres com direitos. Chase, Treboux e O'Leary (2002) identificam também como sequelas da vitimação de abuso as reações psicossomáticas, a baixa autoestima e a falta de rendimento profissional.

A nível académico, os jovens vítimas de abuso no seu relacionamento íntimo começam a perder objetivos educacionais e vocacionais, refletindo-se no insucesso e/ou no absentismo escolar (Paiva & Figueiredo, 2003).

Kendall-Tackett (2003) refere que os indivíduos que experienciam abuso no seu relacionamento íntimo destacam-se quanto à forma como pensam a sua saúde, em relação aos indivíduos que não sofreram este tipo de abuso. As vítimas de abuso no relacionamento íntimo classificam o seu estado de saúde como pouco positivo. A falta de suporte social, aliado ao isolamento social associa-se também a um aumento de stresse e a uma maior predisposição para a doença (Coker, Bonde, Madeleine, Luchok & Pirisi, 2004; Kiecolt-Glaser & Newton, 2001). Desta forma, é possível concluir que os diferentes tipos de abuso determinam maior vulnerabilidade para problemas de ordem física e psicológica o que, por sua vez, piora a qualidade de vida dos sujeitos (Paiva & Figueiredo, 2005).

No entanto, o impacto da violência nas vítimas não se traduz de igual forma para todos os casos, pode variar pela existência de um historial anterior de vitimação, da duração, frequência e gravidade dos atos de violência, da proximidade ofensor-vítima e dos tipos de vitimação. Todos estes fatores poderão agravar ou atenuar os efeitos do abuso na vítima. Deste modo, existe uma maior probabilidade dos efeitos da violência nos jovens se fazer notar nos casos em que existe um historial familiar de abuso (Caridade & Machado, 2006).

## **CAPÍTULO II - CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO**

## 2.1. Objetivo

Esta investigação teve como objetivo estudar a violência nos relacionamentos íntimos em jovens adultos num contexto universitário. Pretendeu-se estudar as diferenças entre homens e mulheres quanto ao tipo e frequência de violência exercida, bem como investigar as atitudes, crenças e utilização de estratégias de resolução de conflitos adotadas nos relacionamentos amorosos.

## 2.2. Hipóteses

Hipótese 1 – Era esperado que não existissem diferenças entre homens e mulheres ao nível da perpetração e da vitimização do abuso físico e psicológico.

Hipótese 2 – Era esperado que a agressão psicológica fosse o tipo de abuso mais perpetrado e vitimizado por homens e mulheres, relativamente ao abuso físico e sexual.

Hipótese 3 – Era esperado que existissem diferenças entre homens e mulheres ao nível da perpetração da coerção sexual, demonstrando os homens perpetrar mais este tipo de abuso.

Hipótese 4 – Era esperado que existissem diferenças entre homens e mulheres quanto à legitimação face à violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos, demonstrando os homens maiores níveis de legitimação.

## 2.3. Caracterização da amostra

Neste estudo foi utilizada uma amostra de conveniência constituída por 523 participantes, 410 do sexo feminino (78,4%) e 113 do sexo masculino (21,6%). Os participantes apresentaram idades compreendidas entre os 17 e os 65 anos, com uma média de 25 anos de idade ( $DP = 9.6$ ). Verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre sexos ( $t(521) = 4.97$ ;  $p = .00$ ), sendo os homens mais velhos ( $M = 29.73$ ;  $DP = 12.73$ ) que as mulheres ( $M = 24.74$ ;  $DP = 8.34$ ) (tabela 1).

Os participantes frequentavam em média o 3º ano do ensino superior, não se verificando, contudo, diferenças significativas entre os sexos, relativamente ao ano universitário em que estavam inseridos ( $t(518) = -.47$ ;  $p = .64$ ) (tabela1).

Na maioria (92,9%) os participantes eram de nacionalidade portuguesa ( $N = 486$ ), 17 (3,3%) eram brasileiros e os restantes pertenciam outras nacionalidades (3,8%).

No que diz respeito ao estado civil, entre os homens, 76,9% eram solteiros ( $N = 87$ ), 14,2% eram casados ( $N = 16$ ), 6,2% viviam em união de facto ( $N = 7$ ) e 2,7% eram divorciados ( $N = 3$ ). No caso das mulheres, 87,5% eram solteiras ( $N = 359$ ), 5,4% eram

casadas ( $N = 22$ ), 4,4% viviam em união de facto ( $N = 18$ ) e 2,7% eram divorciadas ( $N = 11$ ) (tabela 1).

A maioria dos participantes referiu habitar com os pais (40,2%), 12,8% habitavam com os pais e outros familiares, 10,3% habitavam com outros não familiares, 10,7% habitavam juntamente com o parceiro e 8,4% vivia sozinho. Os restantes encontram-se noutras situações (17.6%).

Relativamente à situação de namoro atual, 66,4% dos homens ( $N = 75$ ) e 71% das mulheres ( $N = 291$ ) referiram ter um relacionamento com duração igual ou superior a um mês. Enquanto 33,6% dos homens ( $N = 38$ ) e 29% das mulheres ( $N = 119$ ) mencionaram que, não estando atualmente num relacionamento, já tiveram numa relação com duração igual ou superior a um mês (tabela 1).

Mais especificamente, os homens que estão atualmente numa relação, fazem-no há mais tempo ( $M = 57.70$ ;  $DP = 105.75$ ), do que as mulheres ( $M = 32.18$ ;  $DP = 58.54$ ), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ( $t(131) = 2.46$ ,  $p = .02$ ). Por outro lado, os homens que já estiveram numa relação terminaram a mesma há pouco menos tempo ( $M = 7.08$ ;  $DP = 20.37$ ) que as mulheres ( $M = 7.30$ ;  $DP = 28.76$ ), não se verificando assim diferenças estatisticamente significativas ( $t(520) = -.08$ ,  $p = .94$ ). Os indivíduos que responderam que nunca estiveram num relacionamento que durasse mais de um mês foram excluídos da amostra, por não estarem em condições de responder ao restante questionário (tabela 1).

Quanto ao tipo de relacionamento que os participantes mantinham com o parceiro, 64,6% dos homens ( $N = 73$ ) e 76,1% das mulheres ( $N = 312$ ) afirmaram estar envolvidos numa relação de namoro, 15,9% dos homens ( $N = 18$ ) e 5,4% das mulheres ( $N = 22$ ) estavam a viver maritalmente, 11,5% dos homens ( $N = 13$ ) e 9,2% das mulheres ( $N = 38$ ) eram casados e 8% dos homens ( $N = 9$ ) e 9,3% das mulheres ( $N = 38$ ) estavam num relacionamento sem compromisso (tabela 1).

Na maioria dos casos (79,5%) os participantes afirmaram que não existiram episódios de violência conjugal entre os pais, no entanto, os que responderam afirmativamente a esta questão responderam também em 18,4% dos casos que foram testemunhas dessa mesma violência. Os participantes revelaram ainda, em 21,4% dos casos, que foram vítimas de algum tipo de violência durante a sua infância.

*Tabela 1. Caracterização da amostra por sexos*

|                                                                  | <i>Masculino</i> |               | <i>Feminino</i> |               | <i>T</i> | <i>Sig</i> |
|------------------------------------------------------------------|------------------|---------------|-----------------|---------------|----------|------------|
|                                                                  | <i>N</i>         | <i>M (DP)</i> | <i>N</i>        | <i>M (DP)</i> |          |            |
| Idade                                                            | 113              | 29.73 (12.73) | 410             | 24.74 (8.34)  | 4.97     | .00*       |
| Ano universitário                                                | 113              | 3.17 (2.03)   | 410             | 3.27 (1.90)   | -.47     | .64        |
| Há quanto tempo dura o relacionamento íntimo atual (meses)       | 113              | 57.7 (105.75) | 410             | 32.18 (58.54) | 2.46     | .02*       |
| Há quanto tempo terminou o relacionamento íntimo passado (meses) | 113              | 7.08 (20.37)  | 409             | 7.30 (28.76)  | -.07     | .83        |
|                                                                  | <i>N</i>         | <i>%</i>      | <i>N</i>        | <i>%</i>      | $\chi^2$ |            |
| Estado civil                                                     |                  |               |                 |               | 18.87    |            |
| Solteiro                                                         | 87               | 76.9%         | 359             | 87.5%         |          |            |
| Casado                                                           | 16               | 14.2%         | 22              | 5.4%          |          |            |
| União de facto                                                   | 7                | 6.2%          | 18              | 4.4%          |          |            |
| Divorciado                                                       | 3                | 2.7%          | 11              | 2.7%          |          |            |
| Situação atual do relacionamento íntimo                          |                  |               |                 |               | .89      |            |
| Tem um relacionamento superior a 1 mês                           | 75               | 66.4%         | 291             | 71.0%         |          |            |
| Já teve um relacionamento superior a 1 mês                       | 38               | 33.6%         | 119             | 29.0%         |          |            |
| Tipo de relacionamento íntimo                                    |                  |               |                 |               | 15.14    |            |
| Sem compromisso                                                  | 9                | 8.0%          | 38              | 9.3%          |          |            |
| Namoro                                                           | 73               | 64.6%         | 312             | 76.1%         |          |            |
| Casamento                                                        | 18               | 15.9%         | 22              | 5.4%          |          |            |
| A viver maritalmente                                             | 13               | 11.5%         | 38              | 9.2%          |          |            |

\* $p \leq .05$

## 2.4. Medidas

### 2.4.1. Escalas de Táticas de Conflito Revistas (CTS2)

Esta escala é uma adaptação das CTS2 desenvolvida e validada por Straus (2007). É um instrumento constituído por 78 questões destinadas a avaliar a qualidade dos relacionamentos íntimos, permitindo identificar a prevalência dos vários tipos de abuso, bem como verificar a utilização de estratégias de resolução de conflitos entre o casal, durante o último ano. As questões dizem respeito ao relacionamento do participante com respetivo o parceiro, na qualidade de perpetrador e de vítima. As escalas e subescalas das CTS2 são: abuso físico sem sequelas; abuso físico com sequelas; agressão psicológica; coerção sexual; e negociação. Este questionário inclui 8 categorias de resposta, sendo as primeiras seis destinadas a determinar a incidência e cronicidade no último ano de perpetrções e vitimizações e as duas últimas destinadas a determinar a prevalência das mesmas (Straus, 2007).

Ao nível das qualidades psicométricas, as CTS2 apresentam bons índices de fidelidade e validade. Straus (2004), recorrendo a uma amostra com 7.179 estudantes universitários de 17 países distintos, demonstra elevados coeficientes de consistência interna e uma baixa interferência ao nível da desejabilidade social. Do mesmo modo, no presente estudo, foi avaliada a consistência interna da mesma escala.

Assim, os primeiros valores de *alpha* correspondem à escala original (Straus, 2004) e os segundos dizem respeito ao presente estudo. Os valores de *alpha* de Cronbach são os seguintes: negociação ( $\alpha = .88$ ) e ( $\alpha = .92$ ), agressão psicológica ( $\alpha = .75$ ) e ( $\alpha = .86$ ), abuso físico sem sequelas ( $\alpha = .88$ ) e ( $\alpha = .88$ ), coerção sexual ( $\alpha = .82$ ) e ( $\alpha = .79$ ), abuso físico com sequelas ( $\alpha = .89$ ) e ( $\alpha = .79$ ).

### 2.4.2. Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)

Esta medida é uma adaptação da original escala desenvolvida e validada por Price, Byers e The Dating Violence Research Team (1999). Trata-se de um instrumento de autorrelato, constituído por 76 itens, organizados em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes face à violência feminina no namoro. O objetivo é avaliar homens e mulheres acerca das suas atitudes face à violência física, psicológica e sexual nas suas relações (Price et al., 1999).

A EAVN, em relação a outras escalas semelhantes, possui a vantagem de não menosprezar o facto das mulheres poderem também ter comportamentos abusivos nas suas relações amorosas, avaliando não só a violência física, como também a violência psicológica e sexual (Price et al., 1999).

Relativamente às qualidades psicométricas, os primeiros valores de *alpha* de Cronbach dizem respeito ao estudo original de Price e colaboradores (1999) e o segundos fazem parte do presente estudo: Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina ( $\alpha = .83$ ) e ( $\alpha = .78$ ), Atitudes acerca da Violência Física Masculina ( $\alpha = .83$ ) e ( $\alpha = .82$ ), Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina ( $\alpha = .87$ ) e ( $\alpha = .70$ ), Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina ( $\alpha = .75$ ) e ( $\alpha = .85$ ), Atitudes acerca da Violência Física Feminina ( $\alpha = .85$ ) e ( $\alpha = .84$ ), Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina ( $\alpha = .83$ ) e ( $\alpha = .82$ ).

#### **2.4.3. Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão (RSCL)**

Esta escala é uma versão adaptada da RSCL, permitindo avaliar dimensões da morbilidade física e psicológica. A versão original é constituída por 39 itens que se agrupam em quatro escalas: sintomas físicos (23 itens), sintomas psíquicos (7 itens), atividades da vida diária (8 itens) e qualidade de vida global (1 item) (Haes, J. et al., 2012). No entanto, para este estudo foram excluídos os itens respeitantes às atividades da vida diária e à qualidade de vida, uma vez que estes se focam em aspetos mais clínicos relacionados questões de mobilidade.

Ao nível das questões psicométricas a RSCL apresenta valores de consistência interna elevados. Os primeiros valores correspondem à escala de Haes e colaboradores (2012), comparativamente aos valores encontrados neste estudo. Assim, a sintomatologia física assume um  $\alpha = .83$  e  $\alpha = .89$  e a sintomatologia psicológica um  $\alpha = .87$  e  $\alpha = .76$ .

### **2.5. Procedimento**

Foi solicitada a participação voluntária a estudantes de 39 faculdades de ensino superior, tendo os dados sido recolhidos entre dezembro de 2014 a março de 2015. Os participantes foram informados que estavam a colaborar num estudo, voluntariamente, com o objetivo de analisar situações de abuso no relacionamento íntimo. As questões de anonimato e confidencialidade foram também garantidas.

Relativamente ao desenho da investigação, o presente estudo foi comparativo e correlacional, caracterizando-se por ser igualmente um estudo transversal, já que foi realizado apenas num único momento.

O protocolo de investigação consistiu num questionário demográfico e nas medidas CTS2, EAVN e RSCL. O tempo de realização foi de aproximadamente 20 minutos. A recolha de dados foi realizada com recurso à aplicação «*google forms*», da qual foi extraída a informação para o *software SPSS Statistics 18.0*.

### **CAPÍTULO III - RESULTADOS**

### 3.1. Análise de diferenças entre grupos

Para avaliar as diferenças entre médias das variáveis em estudo foi utilizado o *teste t-student* para amostras independentes, no sexo masculino e feminino.

*Tabela 2. Diferenças entre médias do sexo masculino e feminino*

|          | Masculino |           | Feminino |           | <i>t</i> | <i>Sig.</i> |
|----------|-----------|-----------|----------|-----------|----------|-------------|
|          | <i>M</i>  | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |          |             |
| CTS2 – P |           |           |          |           |          |             |
| NE       | 12.75     | 5.68      | 13.98    | 4.22      | -2.14    | .03*        |
| NC       | 10.57     | 5.70      | 11.28    | 5.29      | -1.25    | .21         |
| AP-L     | 6.42      | 7.19      | 5.99     | 6.31      | .62      | .54         |
| AP-S     | 1.06      | 2.47      | .90      | 2.33      | .66      | .51         |
| AFSS-L   | 1.86      | 5.04      | 1.33     | 3.48      | 1.05     | .29         |
| AFSS-S   | .50       | 3.58      | .32      | 1.80      | .78      | .44         |
| CS-L     | 1.29      | 2.94      | .28      | 1.06      | 3.59     | .00*        |
| CS-S     | .16       | 1.13      | .05      | .66       | 1.02     | .31         |
| AFCS-L   | .33       | 1.37      | .54      | 2.21      | -1.27    | .21         |
| AFCS-S   | .21       | 1.61      | .28      | 2.16      | -.32     | .75         |
| CTS2 – V |           |           |          |           |          |             |
| NE       | 11.49     | 5.86      | 13.19    | 4.66      | -2.85    | .01*        |
| NC       | 9.66      | 5.59      | 10.84    | 5.46      | -2.02    | .04*        |
| AP-L     | 6.76      | 7.60      | 5.60     | 6.51      | 1.49     | .14         |
| AP-S     | 1.76      | 4.10      | 1.37     | 3.70      | .96      | .34         |
| AFSS-L   | 2.37      | 5.67      | 1.92     | 5.15      | .79      | .43         |
| AFSS-S   | .70       | 3.57      | .73      | 3.60      | -.08     | .94         |
| CS-L     | 1.32      | 3.26      | 1.42     | 3.60      | -.28     | .78         |
| CS-S     | .36       | 2.31      | .41      | 2.79      | -.18     | .86         |
| AFCS-L   | .27       | 1.50      | .25      | 1.36      | .14      | .89         |
| AFCS-S   | .26       | 2.11      | .05      | .69       | 1.02     | .31         |
| EAVN     |           |           |          |           |          |             |
| VPM      | 27.60     | 7.88      | 23.94    | 6.19      | 4.56     | .00*        |
| VFM      | 18.44     | 6.17      | 16.10    | 5.13      | 3.37     | .01*        |
| VSM      | 19.58     | 6.16      | 15.92    | 4.01      | 5.96     | .00*        |
| VPF      | 23.31     | 8.17      | 19.48    | 6.27      | 4.62     | .00*        |
| VFF      | 20.50     | 7.47      | 17.65    | 5.94      | 3.75     | .00*        |
| VSF      | 22.15     | 6.51      | 17.09    | 5.46      | 7.56     | .00*        |
| RSCL     |           |           |          |           |          |             |
| SF       | 32.83     | 8.50      | 35.92    | 10.18     | -3.26    | .01*        |
| SP       | 15.43     | 4.18      | 16.52    | 4.38      | -2.36    | .02*        |

\* $p < .05$

Nota: CTS2 – P Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Perpetração), CTS2 – V Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Vitimização), NE – Negociação Emocional, NC – Negociação Cognitiva, AP-L – Agressão Psicológica (Ligeira), AP-S – Agressão Psicológica (Severa), AFSS-L – Abuso Físico Sem Sequelas (Ligeiro), AFSS-S – Abuso Físico Sem Sequelas (Severo), CS-L – Coerção Sexual (Ligeira), CS-S – Coerção Sexual (Severa), AFCS-L – Abuso Físico Com Sequelas (Ligeiro), AFCS-S – Abuso Físico Com Sequelas (Severo), EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, VPM – Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina, VFM – Atitudes acerca da Violência Física Masculina, VSM – Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina, VPF – Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina, VFF – Atitudes acerca da Violência Física Feminina, VSF – Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina, RSCL – Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão, SF – Sintomas Físicos, SP – Sintomas Psicológicos.

Relativamente à perpetração (i.e., estratégias utilizadas pelos participantes para com os seus parceiros íntimos), foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre sexos ao nível da negociação emocional ( $t(148) = -2.14; p = .03$ ), demonstrando as mulheres utilizarem com mais frequência estratégias de negociação para resolver os seus conflitos com o seu parceiro ( $M = 13.98; DP = 4.22$ ), relativamente aos homens ( $M = 12.75; DP = 5.68$ ). Foram também encontradas diferenças significativas ao nível da coerção sexual (ligeira) ( $t(134) = 3.59; p = .00$ ), verificando-se a maior prevalência dos homens neste tipo de abuso ( $M = 1.29; DP = 2.94$ ), relativamente às mulheres ( $M = .28; DP = 1.06$ ).

Quanto à vitimização (i.e., estratégias utilizadas pelos parceiros íntimos dos participantes), verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na negociação emocional ( $t(153) = -2.85; p = .01$ ) e na negociação cognitiva ( $t(521) = -2.02; p = .04$ ), confirmando-se que os parceiros íntimos das mulheres exercem mais estratégias de negociação emocional ( $M = 13.19; DP = 4.66$ ) e de negociação cognitiva ( $M = 10.84; DP = 5.46$ ), relativamente aos parceiros íntimos dos homens ( $M = 11.49; DP = 5.86$ ) e ( $M = 9.66; DP = 5.59$ ), respetivamente.

No que diz respeito à Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, foram encontradas diferenças significativas em todas as dimensões da sua escala, demonstrando os homens, em média, valores mais elevados ao nível da legitimação de violência em todas as escalas, comparativamente com as mulheres. Estas diferenças foram identificadas nas escalas atitudes acerca da violência psicológica masculina ( $M = 27.60; DP = 7.88$  vs  $M = 23.94; DP = 6.19$ ), ( $t(152) = 4.56; p = .00$ ), atitudes acerca da violência física masculina ( $M = 18.44; DP = 6.17$  vs  $M = 16.10; DP = 5.13$ ), ( $t(148) = 3.37; p = .01$ ), atitudes acerca da violência sexual masculina ( $M = 19.58; DP = 6.16$  vs  $M = 15.92; DP = 4.01$ ), ( $t(139) = 5.96; p = .00$ ), atitudes acerca da violência psicológica feminina ( $M = 23.31; DP = 8.17$  vs  $M = 19.48; DP = 6.27$ ), ( $t(150) = 4.62; p = .00$ ), atitudes acerca da violência física feminina ( $M = 20.50; DP = 7.47$  vs  $M = 17.65; DP = 5.94$ ), ( $t(153) = 3.74; p = .00$ ), atitudes acerca da violência sexual feminina ( $M = 22.15; DP = 6.51$  vs  $M = 17.09; DP = 5.46$ ), ( $t(157) = 7.55; p = .00$ ).

Ao nível da incidência das queixas físicas e psicológicas existem diferenças estatisticamente significativas tanto na sintomatologia física ( $t(209) = -3.26; p = .01$ ) como na sintomatologia psicológica ( $t(521) = -2.36; p = .02$ ), relatando as mulheres mais queixas físicas ( $M = 35.92; DP = 10.18$ ) e psicológicas ( $M = 16.52; DP = 4.38$ ) que os homens, respetivamente ( $M = 32.83; DP = 8.50$ ) e ( $M = 15.43; DP = 4.18$ ).

### 3.2. Análise de correlações

De forma a medir o grau e direção das relações lineares entre variáveis, foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson.

Deste modo, foram analisadas as correlações entre a perpetração e vitimização das Escalas de Táticas de Conflito Revistas (tabela 3).

As correlações mais fortes e positivas observaram-se ao nível das estratégias de negociação emocional (entre perpetração e vitimização) ( $r = .81, p < .01$ ), estratégias de negociação cognitiva (entre perpetração e vitimização) ( $r = .92, p < .01$ ), agressão psicológica ligeira (entre perpetração e vitimização) ( $r = .87, p < .01$ ), abuso físico com sequelas severo (vitimização) com abuso físico sem sequelas severo (perpetração) ( $r = .79, p < .01$ ), coerção sexual severa (vitimização) com abuso físico com sequelas severo perpetração ( $r = .71, p < .01$ ) e, finalmente, abuso físico sem sequelas severo (vitimização) com abuso físico com sequelas severo (perpetração) ( $r = .69, p < .01$ ).

As correlações positivas de intensidade moderada verificaram-se entre o abuso físico sem sequelas ligeiro (perpetração e vitimização) ( $r = .61, p < .01$ ), abuso físico sem sequelas severo (perpetração e vitimização) ( $r = .52, p < .01$ ), coerção sexual ligeira (perpetração e vitimização) ( $r = .43, p < .01$ ). O abuso físico com sequelas ligeiro (perpetração) estabeleceu correlações positivas de magnitude moderada com a agressão psicológica severa (vitimização) ( $r = .52, p < .01$ ) e com o abuso físico sem sequelas ligeiro e Severo (vitimização) ( $r = .63, p < .01$ ). O abuso físico com sequelas severo (perpetração) manteve também correlações positivas de intensidade moderada a forte com a agressão psicológica severa (vitimização) ( $r = .53, p < .01$ ).

Relativamente às correlações entre as Escalas de Táticas de Conflito Revistas (perpetração), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e a Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão (tabela 4) verificaram-se em muitos casos correlações estatisticamente significativas, mas de intensidade fraca, nomeadamente entre a agressão psicológica ligeira (perpetração) e os sintomas psicológicos ( $r = .25, p < .01$ ); o abuso físico sem sequelas ligeiro (perpetração) e as atitudes acerca da violência física feminina ( $r = .22, p < .01$ ); ou o abuso físico com sequelas severo (perpetração), com os sintomas físicos ( $r = .28, p < .01$ ).

Quanto às Escalas de Táticas de Conflito Revistas (vitimização), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e a Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão (tabela 5), a situação é semelhante à anterior, existindo correlações estatisticamente

significativas, mas de magnitude fraca. Contudo, as que mais se destacam são os sintomas físicos com agressão psicológica severa (vitimização) ( $r = .27, p < .01$ ) e com a agressão psicológica ligeira (vitimização) ( $r = .26, p < .01$ ). Assim como, os sintomas psicológicos com a agressão psicológica ligeira (vitimização) ( $r = .25, p < .01$ ) e com a agressão psicológica severa (vitimização) ( $r = .24, p < .01$ ). Foram também encontradas correlações estatisticamente significativas de grau fraco entre as atitudes acerca da violência física masculina, com abuso físico com sequelas ligeiro ( $r = .20, p < .01$ ) e com o abuso físico com sequelas severo ( $r = .18, p < .01$ ).

*Tabela 3. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Perpetração) e Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Vitimização)*

|               | 1.NE(P) | 2.NC(P) | 3. AP-L(P) | 4. AP-S(P) | 5. AFSS-L(P) | 6. AFSS-S(P) | 7. CS-L(P) | 8. CS-S(P) | 9.AFCS-L(P) | 10.AFCS-S(P) |
|---------------|---------|---------|------------|------------|--------------|--------------|------------|------------|-------------|--------------|
| 11. NE(V)     | .81**   | .64**   | .29**      | .05        | .07          | .05          | .06        | -.07       | .04         | -.15**       |
| 12. NC(V)     | .71**   | .92**   | .39**      | .15**      | .12**        | .09*         | .12**      | -.05       | .10*        | -.13**       |
| 13. AP-L(V)   | .40**   | .38**   | .87**      | .41**      | .42**        | .20**        | .30**      | .04        | .44**       | .21**        |
| 14. AP-S(V)   | .15**   | .17**   | .36**      | .48**      | .36**        | .33**        | .16**      | .14**      | .52**       | .52**        |
| 15. AFSS-L(V) | .14**   | .15**   | .42**      | .26**      | .61**        | .41**        | .08        | .17**      | .63**       | .45**        |
| 16. AFSS-S(V) | .09*    | .13**   | .24**      | .22**      | .35**        | .52**        | .02        | .26**      | .63**       | .69**        |
| 17. CS-L(V)   | .15**   | .21**   | .37**      | .25**      | .18**        | .10*         | .43**      | .12**      | .38**       | .36**        |
| 18. CS-S(V)   | .04     | .08     | .16**      | .10*       | .10*         | .13**        | .03        | .29**      | .43**       | .71**        |
| 19. AFCS-L(V) | .07     | .12**   | .29**      | .30**      | .47**        | .48**        | .19**      | .28**      | .43**       | .06          |
| 20. AFCS-S(V) | -.04    | .03     | .11*       | .22**      | .46**        | .79**        | .07        | .48**      | .18**       | .17**        |

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$

Nota: 1. NE(P) – Negociação Emocional (perpetração), 2. NC(P) – Negociação Cognitiva (perpetração), 3. AP-L(P) – Agressão Psicológica-Ligeira (perpetração), 4. AP-S(P) – Agressão Psicológica-Severa (perpetração), 5. AFSS-L(P) – Abuso Físico Sem Sequelas-Ligeiro (perpetração), 6. AFSS-S(P) – Abuso Físico Sem Sequelas-Severo (perpetração), 7. CS-L(P) – Coerção Sexual-Ligeira (perpetração), 8. CS-S(P) – Coerção Sexual-Severa (perpetração), 9. AFCS-L(P) – Abuso Físico Com Sequelas-Ligeiro (perpetração), 10. AFCS-S(P) – Abuso Físico Com Sequelas-Severo (perpetração), 11. NE(V) – Negociação Emocional (vitimização), 12. NC(V) – Negociação Cognitiva (vitimização), 13. AP-L(V) – Agressão Psicológica-Ligeira (vitimização), 14. AP-S(V) – Agressão Psicológica-Severa (vitimização), 15. AFSS-L(V) – Abuso Físico Sem Sequelas-Ligeiro (vitimização), 16. AFSS-S(V) – Abuso Físico Sem Sequelas-Severo (vitimização), 17. CS-L(V) – Coerção Sexual-Ligeira (vitimização), 18. CS-S(V) – Coerção Sexual-Severa (vitimização), 19. AFCS-L(V) – Abuso Físico Com Sequelas-Ligeiro (vitimização), 20. AFCS-S(V) – Abuso Físico Com Sequelas-Severo (vitimização).

*Tabela 4. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Perpetração), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão*

|         | 1.NE   | 2.NC  | 3. AP-L | 4. AP-S | 5. AFSS-L | 6. AFSS-S | 7. CS-L | 8. CS-S | 9.AFCS-L | 10.AFCS-S |
|---------|--------|-------|---------|---------|-----------|-----------|---------|---------|----------|-----------|
| 11. VPM | -.06   | -.05  | .13**   | .18**   | .17**     | .13**     | .19**   | .08     | .05      | .01       |
| 12. VFM | -.05   | -.03  | .15**   | .14**   | .14**     | .17**     | .20**   | .12**   | .12**    | .09*      |
| 13. VSM | -.08   | -.05  | .15**   | .19**   | .13**     | .14**     | .21**   | -.01    | .03      | -.00      |
| 14. VPF | -.03   | -.06  | .20**   | .21**   | .20**     | .17**     | .20**   | .10*    | .08      | -.01      |
| 15. VFF | -.12** | -.10* | .14**   | .15**   | .22**     | .17**     | .20**   | .15**   | .04      | .00       |
| 16. VSF | -.12** | -.09* | .12**   | .15**   | .17**     | .15**     | .21**   | .17**   | .08      | .09       |
| 17. SF  | .12**  | .13** | .23**   | .23**   | .15**     | .09*      | .10*    | .04     | .21**    | .28**     |
| 18. SP  | .17**  | .17** | .25**   | .22**   | .16**     | .08       | .10*    | .00     | .12**    | .14**     |

*\*p < .05, \*\*p < .01*

Nota: 1. NE – Negociação Emocional, 2. NC – Negociação Cognitiva, 3. AP-L – Agressão Psicológica (Ligeira), 4. AP-S – Agressão Psicológica (Severa), 5. AFSS-L – Abuso Físico Sem Sequelas (Ligeiro), 6. AFSS-S – Abuso Físico Sem Sequelas (Severo), 7. CS-L – Coerção Sexual (Ligeira), 8. CS-S – Coerção Sexual (Severa), 9. AFCS-L – Abuso Físico Com Sequelas (Ligeiro), 10. AFCS-S – Abuso Físico Com Sequelas (Severo), 11. VPM – Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina, 12. VFM – Atitudes acerca da Violência Física Masculina, 13. VSM – Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina, 14. VPF – Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina, 15. VFF – Atitudes acerca da Violência Física Feminina, 16. VSF – Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina, 17. SF – Sintomas Físicos, 18. SP – Sintomas Psicológicos.

*Tabela 5. Matriz de Correlações Bivariadas entre Escalas de Táticas de Conflito Revistas (Vitimização), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e Lista de Verificação de Sintomatologia de Roterdão*

|         | 1.NE   | 2.NC  | 3. AP-L | 4. AP-S | 5. AFSS-L | 6. AFSS-S | 7. CS-L | 8. CS-S | 9.AFCS-L | 10.AFCS-S |
|---------|--------|-------|---------|---------|-----------|-----------|---------|---------|----------|-----------|
| 11. VPM | -.07   | -.05  | .11*    | .13**   | .10*      | .08       | .11*    | .03**   | .13**    | .14**     |
| 12. VFM | -.12** | -.03  | .15**   | .18**   | .14**     | .15**     | .16**   | .11*    | .20**    | .18**     |
| 13. VSM | -.12** | -.04  | .14**   | .11*    | .11**     | .05       | .07     | -.00    | .06      | .05       |
| 14. VPF | -.09*  | -.07  | .17**   | .10*    | .07       | .05       | .04     | -.01    | .14**    | .13**     |
| 15. VFF | -.14** | -.08  | .13**   | .07     | .06       | .02       | .08     | -.01    | .14**    | .15**     |
| 16. VSF | -.13** | -.11* | .09*    | .09*    | .08       | .07       | .02     | .06     | .10*     | .12**     |
| 17. SF  | -.04   | .05   | .26**   | .27**   | .21**     | .21**     | .20**   | .22**   | .08      | .00       |
| 18. SP  | .05    | .12** | .25**   | .24**   | .17**     | .16**     | .18**   | .11*    | .07      | .01       |

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$

Nota: 1. NE – Negociação Emocional, 2. NC – Negociação Cognitiva, 3. AP-L – Agressão Psicológica (Ligeira), 4. AP-S – Agressão Psicológica (Severa), 5. AFSS-L – Abuso Físico Sem Sequelas (Ligeiro), 6. AFSS-S – Abuso Físico Sem Sequelas (Severo), 7. CS-L – Coerção Sexual (Ligeira), 8. CS-S – Coerção Sexual (Severa), 9. AFCS-L – Abuso Físico Com Sequelas (Ligeiro), 10. AFCS-S – Abuso Físico Com Sequelas (Severo), 11. VPM – Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina, 12. VFM – Atitudes acerca da Violência Física Masculina, 13. VSM – Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina, 14. VPF – Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina, 15. VFF – Atitudes acerca da Violência Física Feminina, 16. VSF – Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina, 17. SF – Sintomas Físicos, 18. SP – Sintomas Psicológicos.

## **CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO**

O presente estudo teve como primeiro objetivo estudar as diferenças entre homens e mulheres, relativamente às estratégias de resolução de conflitos adotadas, através da negociação ou recorrendo à violência. Desta forma, ao analisar-se as diferenças, entre homens e mulheres, quanto às estratégias de resolução de conflitos, importa primeiramente referir que as estratégias de negociação emocional e cognitiva são largamente superiores às estratégias utilizadas através de abuso e agressões, verificando-se que as mulheres recorrem com mais frequência a ambas as estratégias de negociação, relativamente aos homens. No entanto, as mulheres que responderam que utilizavam mais estratégias de negociação para resolver os seus conflitos, também concordaram que os seus parceiros íntimos também o faziam com mais frequência, relativamente às parceiras dos homens. Estes resultados vão ao encontro dos encontrados na literatura (Alexandra & Figueiredo, 2006; Straus, 2004, 2007).

Porém, quando os casais resolvem as suas questões conflituosas através de algum tipo de abuso, o que surge mais frequentemente é a agressão psicológica, como se confirma na maioria das investigações realizadas neste âmbito (Alexandra & Figueiredo, 2006; Cercone, Beach & Arias, 2005; Halpern et al. 2001; Machado et al. 2010; Paiva & Figueiredo, 2005; Shorey et al. 2008, 2012; Swan et al. 2008). Sem haver diferenças estatisticamente significativas, pode verificar-se que os homens tendem a recorrer com mais frequência a este tipo de abuso, sendo também os mais vitimizados. Desta forma, a explicação para a agressão psicológica ser a mais reportada poderá estar associada ao facto deste ser o tipo de abuso menos culpabilizante e mais socialmente aceite, ao contrário do abuso físico e da coerção sexual, que são socialmente estigmatizados e sancionados por lei (Paiva & Figueiredo, 2005).

Com resultados menos expressivos que a agressão psicológica está o abuso físico com e sem sequelas, verificando-se igualmente a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, relativamente a este tipo de abuso. Estes resultados estão também em concordância com a literatura (Aldrighi, 2004; Alexandra & Figueiredo, 2006; Caridade & Machado, 2006; Kaura & Allen, 2007; Paiva & Figueiredo, 2005; Straus, 2008). Ainda que sem significado estatístico, são os homens que revelam perpetrar maiores índices de abusos físicos sem sequelas. No entanto, quando se analisam os resultados do abuso físico com sequelas são as mulheres quem praticam com mais frequência este tipo de violência. No que se refere às médias de vitimização, os homens manifestam ser mais vítimas de abuso físico com e sem sequelas. Estes resultados contradizem a maioria dos estudos, já que as mulheres são as maiores vítimas de abuso físico com sequelas (Archer, 2002;

Caridade & Machado, 2008; Hamberger, 2005; Swan et al., 2008; Straus, 2010; Whitaker et al., 2007).

A partir dos dois parágrafos anteriores, foi possível confirmar-se as hipóteses 1 e 2 deste estudo, que atestavam ser esperado não existir diferenças significativas entre homens e mulheres ao nível da perpetração e da vitimização do abuso físico e psicológico (H1), bem como era esperado que a agressão psicológica fosse o tipo de abuso tanto mais perpetrado como vitimizado por homens e mulheres, relativamente ao abuso físico e sexual (H2).

Por seu turno, a coerção sexual regista diferenças estatisticamente significativas, com os homens a perpetrar mais coerção sexual ligeira, comparativamente às mulheres. Já sem valores significativos as mulheres também admitem ser mais vítimas de coerção sexual por parte dos parceiros, do que os homens. A este nível a literatura é, por norma, consensual concluindo que as mulheres são as vítimas principais neste tipo de abuso (Breiding et al., 2014; Feder & Henning, 2005; Paiva & Figueiredo, 2005; Struckman-Johnson et al., 2003; Sutherland, et al., 2014). Desta forma, confirma-se a hipótese 3 do presente estudo, que indicava ser esperado existir diferenças entre homens e mulheres ao nível da perpetração da coerção sexual, demonstrando os homens perpetrar mais este tipo de abuso.

Assim, verifica-se que apesar de existirem algumas diferenças entre homens e mulheres quanto ao tipo de violência praticada, as mesmas, na sua grande maioria, não são significativas. Estas conclusões vão ao encontro da opinião da literatura nacional e internacional revista, que concluem que a maioria da violência não é exclusivamente perpetrada e vitimada só por homens ou só por mulheres. Por outras palavras, existe uma simetria de género relativamente à violência nos relacionamentos íntimos (Cornelius, Shorey & Beebe, 2010; Cross, Tee & Campbell, 2011; Hines & Saudino, 2003; Paiva e Figueiredo, 2004; Richardson, 2005; Straus, 2008, 2010; Whitaker et al. 2007).

Neste sentido, ao analisarmos as correlações bivariadas da tabela 3 verificamos que existe um conjunto de dimensões de perpetração que se correlacionam positiva e fortemente com dimensões de vitimização. Assim, quem perpetra agressão psicológica ligeira também é vítima da mesma por parte do parceiro íntimo. O mesmo se sucede para as pessoas que perpetraram abuso físico sem sequelas severo que, por sua vez, são igualmente vítimas de abuso físico com sequelas severo. Ainda quem perpetra abuso físico com sequelas severo é também vítima de coerção sexual severa. No seguimento do parágrafo anterior é possível assim concluir que muitas vezes quem comete abuso sobre o companheiro também sofre do mesmo ou de outro tipo de abuso, mais ou menos severo.

O segundo objetivo deste estudo pretendia estudar as crenças e atitudes dos jovens face à violência nos relacionamentos íntimos. Desta forma, concluiu-se que os homens legitimam mais atos de violência psicológica, física e sexual, quer seja perpetrada por homens ou por mulheres. Como refere Ventura (2013) os homens têm muitas vezes a crença que o recurso à violência é aceitável, de modo a resolverem-se determinados conflitos. Esta crença é construída ao longo do tempo, no sentido dos homens utilizarem a agressividade nos seus próprios relacionamentos íntimos. Por outro lado, as mulheres têm a crença, mesmo depois de agredidas, que o amor irá conseguir superar as dificuldades, fazendo esforços para continuar nas relações íntimas. Desta forma, em quase todos os estudos, se chega à conclusão que os homens continuam a tolerar mais a violência física, psicológica e sexual (González-Ortega et al. 2008; Machado et al. 2010; Mendes & Cláudio, 2010; Price et al. 1999; Saavedra & Machado, 2012; Ventura et al. 2013). Assim, confirma-se a hipótese 4 do estudo, onde era esperado existir diferenças entre homens e mulheres quanto à legitimação face à violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos, demonstrando os homens maiores níveis de legitimação.

Os resultados da tabela 4 indicaram que, apesar de se tratarem de correlações de intensidade fraca, existem correlações estatisticamente significativas entre a perpetração da agressão psicológica (ligeira e severa), do abuso físico sem sequelas (ligeiro e severo) e da coerção sexual (ligeira), relativamente a todas as dimensões das atitudes acerca da violência no namoro. Por outras palavras, quem possui atitudes de maior tolerância face à violência no namoro também tem tendência a praticar determinados comportamentos abusivos nos seus relacionamentos íntimos. Encontram-se semelhanças destes resultados noutros estudos que correlacionam a legitimação da violência e a prática de comportamentos abusivos (Matos et al., 2006; Saavedra & Machado, 2012).

Ao analisar-se a sintomatologia dos participantes verifica-se que as mulheres relatam significativamente mais queixas físicas e psicológicas, relativamente aos homens. Estes resultados podem ser explicados à luz da literatura que, regra geral, é consensual no facto das mulheres experienciarem mais reações emocionais significativas, podendo inclusive sair lesadas a nível físico e psicológico face a uma situação de violência no casal. Uma explicação para este resultado poderá estar no facto dos homens serem geralmente maiores e com mais força e, por isso, estão mais predispostos a magoar a parceira (Archer, 2002; Caridade e Machado, 2008; Frieze, 2005; Hamberger, 2005; Swan et al., 2008; Straus, 2010; Tjaden & Thoennes, 2000; Whitaker et al., 2007). Por um lado, a presença de relacionamentos íntimos

positivos está associado a diversos benefícios para a saúde dos indivíduos, por outro, quando estes relacionamentos têm uma tendência negativa estão também associados ao surgimento de doença, uma vez que as experiências contínuas de relacionamentos negativos causam grande tensão e constituem fortes stressores que põe em causa os recursos dos sujeitos. Como resultado, existe um decréscimo das funções imunológicas que, por sua vez, se associam a inúmeros sintomas físicos e psicológicos (Kiecolt-Glaser & Newton, 2001; Shorey et al. 2012).

Através da análise de correlação foi possível observar que os sujeitos que eram vítimas de agressão psicológica, abuso físico sem sequelas e coerção sexual manifestavam tendencialmente mais sintomatologia física e psicológica (tabela 5). Tal como os resultados demonstraram, foram encontradas evidências para a associação da vitimização de agressão psicológica com sintomatologia ansiosa (Shorey et al., 2011) e queixas somáticas (Kaura & Lohman, 2007). McCauley e colaboradores (1998) afirmaram que o número de queixas físicas é proporcional à severidade do abuso físico. No entanto, no presente estudo tal não se confirma, já que o abuso físico com sequelas não apresenta significado estatístico, comparativamente com o abuso físico sem sequelas. Aosved e Long (2005) concluíram as mulheres que se sentiam coagidas sexualmente apresentavam maior número de sintomas psicológicos.

Por outro lado, os sujeitos que perpetraram atos de violência contra o parceiro íntimo também relataram sintomatologia física e psicológica, nomeadamente aqueles que perpetraram agressão psicológica e abuso físico com e sem sequelas (tabela 4). Desta forma, os sujeitos ao serem perpetradores de violência vão estar a contribuir para um mal-estar relacional na díade, que afeta não só a vítima como o próprio agressor, resultando em alterações na ativação autonómica e na atividade fisiológica, que se traduzem em manifestação de sintomas físicos e psicológicos (Paiva & Figueiredo, 2005). Todas estas evidências revelam a importância da qualidade dos relacionamentos íntimos para o estado de saúde dos indivíduos.

## **CONCLUSÃO**

Dada a análise da literatura, foi possível concluir que a violência nos relacionamentos íntimos em jovens é hoje amplamente reconhecida como uma problemática com efeitos preocupantes não só a nível individual mas em toda a esfera social, visto tratar-se de uma experiência cada vez mais comum nos jovens. Dessa forma, tornou-se pertinente estudar a respetiva problemática junto dos jovens adultos que poderão estar hoje num relacionamento de namoro sem compromisso, pautado por alguns episódios de abuso ligeiro, mas que amanhã poderão encontrar-se numa relação marital, onde o abuso se torna mais frequente e severo. Foram, assim, estudadas as diferenças entre homens e mulheres, relativamente ao tipo e à frequência de violência exercida, assim como foram investigadas as atitudes, crenças e utilização de estratégias de conflito adotadas nos relacionamentos íntimos.

No que se refere às hipóteses colocadas todas se parecem confirmar, demonstrando-se que, à exceção da coerção sexual, não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres relativamente à violência nos relacionamentos íntimos. Desse modo, foi possível desconstruir a crença, veiculada principalmente pelos *media*, que as agressões são exclusivamente praticadas pelos homens sobre as mulheres, não querendo com isto descredibilizar ou relativizar situações em que ocorrem graves crimes cometidos por homens sobre mulheres. No entanto, estes resultados provêm maioritariamente de fontes como casas-abrigo ou outras instituições de acolhimento à vítima, onde é comum encontrar-se mulheres severamente violentadas. Desta forma, estes dados poderão não refletir o panorama dos restantes casais a nível nacional.

Confirmou-se também a hipótese dos homens serem mais tolerantes face à violência nos relacionamentos íntimos, o que sugere que ainda vivemos numa sociedade em que os ideais do patriarcado estão bem presentes, incluindo na população mais jovem. Deste modo, os homens têm atitudes de maior legitimação face à violência nas relações íntimas, visto que lhes é incutido desde cedo, pela própria sociedade, que é legítimo o homem tolerar certo tipo de abusos, dependendo do contexto ou da gravidade da situação.

No que diz respeito às limitações do próprio estudo, embora a dimensão da amostra tenha sido razoável, existe uma certa desproporcionalidade entre géneros, verificando-se a presença feminina em clara maioria face à masculina, neste estudo. Para este resultado pode ter contribuído o facto de existirem mais mulheres do que homens no ensino superior ou simplesmente devido às mulheres, ao contrário dos homens, estarem mais sensibilizadas e menos reticentes para temas como o abuso nos relacionamentos íntimos em jovens universitários. Outra das limitações teve a ver com as próprias características

sociodemográficas da amostra, como a idade, estado civil ou tipo de relacionamento íntimo, não se limitando a amostra apenas a jovens solteiros em relacionamentos de namoro com ou sem compromisso, como era esperado. Para este efeito contribuiu o facto do preenchimento dos questionários ter sido realizado online, existindo assim menos controlo do investigador sobre a própria amostra, por outro lado, houve a vantagem de se poder agilizar o processo de recolha e tratamento de dados. É importante também ter em conta o fator da desejabilidade social inerente aos próprios instrumentos de medida, já que o assunto tem sido algo debatido em imprensa nacional, podendo influenciar o tipo de respostas dos participantes. Ainda sobre os instrumentos utilizados, os mesmos possuíam um elevado número de itens, o que poderá ter conduzido a um eventual decréscimo da atenção dos participantes, ao longo do preenchimento dos mesmos.

Neste sentido, sugere-se a inclusão de novas análises e variáveis que permitam explorar outras perspetivas relativamente à violência nos relacionamentos íntimos, onde poderá ser investigado com mais detalhe as dinâmicas dos conflitos, a origem e o significado dos mesmos, o contexto em que ocorrem, bem como as consequências que estes têm para a vida dos indivíduos. Seria igualmente interessante trabalhar com amostras em que os pares de namorados estivessem presentes, já que a maioria dos instrumentos são de autorrelato o que, por sua vez, não permite obter estimativas mais precisas sobre a problemática.

No caso dos padrões de relacionamento amorosos serem caracterizados pela sua disfuncionalidade e abuso, torna-se pertinente implementar novos modelos e ações de sensibilização, de modo a promover a qualidade dos relacionamentos íntimos pré-maritais, prevenindo a ocorrência de qualquer tipo de abuso sobre o parceiro. Seria igualmente relevante o investimento em serviços de acompanhamento psicológico para os jovens que se encontrem a atravessar períodos de crise no seu relacionamento.

**BIBLIOGRAFIA**

- Ackard, D. M., & Neumark-Sztainer, D. (2002). Date violence and date rape among adolescents: associations with disordered eating behaviors and psychological health. *Child Abuse & Neglect*, 26(5), 455–473. doi:10.1016/S0145-2134(02)00322-8
- Ackerson, L. K. et al. (2008). Effects of individual and proximate educational context on intimate partner violence: A population-based study of women in India. *American Journal of Public Health*, 98(3):507–514. doi:10.2105/AJPH.2007.113738
- Afonso, J. (2010). “(...) Mais gosto de ti”??? Diferenças entre homens e mulheres nas crenças e comportamentos sobre violência conjugal. (Dissertação de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341. doi:10.1037/0003-066X.46.4.333
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 8(2).
- Andrews, J. A., Foster, S. L., Capaldi, D., & Hops, H. (2000). Adolescent and family predictors of physical aggression, communication, and satisfaction in young adult couples: a prospective analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(2), 195–208.
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93–107.
- Aosved, A. C., & Long, P. J. (2005). College women’s experiences of psychological maltreatment and sexual assault. *Violence and Victims*, 20(5), 577–587. doi:10.1891/088667005780927539
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2015). *Estatísticas APAV – Relatório Anual 2014*. Lisboa.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680. doi: 10.1037//0033-2909.126.5.651
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*, 7(4), 313–351. doi:10.1037//0033-2909.126.5.651.

- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent Dating Violence: Do Adolescents Follow in Their Friends', Or Their Parents', Footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 162–184. doi:10.1177/0886260503260247
- Arriaga, X. B., & Oskamp, S. (Eds.). (1999). *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications.
- Babcock, J. C., Green, C. E., Webb, S. A., & Yerington, T. P. (2005). Psychophysiological profiles of batterers: Autonomic emotional reactivity as it predicts the antisocial spectrum of behavior among intimate partner abusers. *Journal of Abnormal Psychology*, 114, 444–455. doi:0.1037/0021-843X.114.3.444
- Baker, C. R., & Stith, S. M. (2008) Factors predicting dating violence perpetration among male and female college students. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 17(2), 227–244. doi:10.1080/10926770802344836
- Bandura, A. (1971). *Social learning theory*. New York: General Learning Press.
- Bartholomew, K., Cobb, R. J., & Dutton, D. G. (in press). Guiding perspectives and future directions in the study of violence within intimate relationships. In J. Simpson & J. Dovidio (Vol. Eds.), P. Shaver & M. Mikulincer (Series Ed.), *APA Handbook of Personality and Social Psychology Volume 2: Interpersonal Relationships and Group Processes*. New York: APA Books
- Béjin, A. (1987). O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs.). *Sexualidades ocidentais* (pp. 183-193). São Paulo: Brasiliense.
- Bertoldo, R. B. & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF*, 11(2), 229–237.
- Bilic, V. (2013). Violence among peers in the real and virtual world. *Paediatrics Today*, 9, 78-90. doi:10.5457/p2005-114.65
- Bjorklund, K., Hakkanen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The Prevalence of Stalking Among Finnish University Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(4), 684–698. doi:10.1177/0886260509334405
- Black, M. C.; Basile, K. C.; Breiding, M. J.; Smith, S. G.; Walters, M. L.; Merrick, M. T.; Chen, J.; Stevens, M. R. (2011) *National intimate partner and sexual violence survey (NISVS): 2010 summary report*. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention; Atlanta, GA.

- Black, D. S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A Further Look at the Intergenerational Transmission of Violence: Witnessing Interparental Violence in Emerging Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1022–1042. doi:10.1177/0886260509340539
- Black, M. B., & Weisy, N. A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviors of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9. Detroit: Sage Publications.
- Breiding, M. J., Smith, S. G., Basile, K. C., Walters, M. L., Chen, J., & Merrick, M. T. (2014). Prevalence and characteristics of sexual violence, *stalking*, and intimate partner violence victimization--national intimate partner and sexual violence survey, United States, 2011. *Morbidity and Mortality Weekly Report. Surveillance Summaries (Washington, D.C.: 2002)*, 63(8), 1–18.
- Brewster, M. P. (2002). Domestic Violence Theories, Research, and Practice Implications. In A.R. Roberts (Ed.). *Handbook of Domestic Violence Intervention Strategies: Policies, Programs and Legal Remedies* (pp. 23-45). Oxford University Press INC.
- Bronfenbrenner, U. (1979). Contexts of child rearing: Problems and prospects. *American Psychologist*, 34, 844-850. doi:10.1037/0003-066X.34.10.844
- Burmester, M., Henry, P., & Kermes, L. (2005). Tracking cyberstalkers: A cryptographic approach. *Computer & Society Magazine*, 35, 1-12. doi:10.1145/1215932.1215934
- Chase, K. A., Treboux, D., & O'leary, K. D. (2002). Characteristics of High-Risk Adolescents' Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(1), 33–49. doi:10.1177/0886260502017001003
- Capaldi, D. M., Dishion, T. J., Stoolmiller, M., & Yoerger, K. (2001). Aggression toward female partners by at-risk young men: the contribution of male adolescent friendships. *Developmental Psychology*, 37(1), 61–73. doi:10.1037/0012-1649.37.1.61
- Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed Initiation and Reciprocity of Physical Aggression in Young, At-Risk Couples. *Journal of Family Violence*, 22(2), 101–111. doi:10.1007/s10896-007-9067-1
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231–280. doi:10.1891/1946-6560.3.2.231.
- Capaldi, D. M., Shortt, J. W., & Crosby, L. (2003) Physical and psychological aggression in at-risk young couples: Stability and change in young adulthood. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49(1), 1–27

- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485–493. doi:10.14417/ap.541
- Caridade, S., & Machado, C. (2010). Violência na intimidade juvenil: Prevalência, factores de risco e atitudes. In C. Machado, *Novas Formas de Vitimação Criminal* (pp. 13-60). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Carvalho, C. (2011). *Cyberstalking: prevalência na população universitária da Universidade do Minho*. Dissertação de mestrado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Carvalho, C., Magalhães, C., Alonso, H., Melo, M., & Martins, A. (2013). *I Plano Municipal contra a Violência Conjugal*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Casimiro, C. (2008). Violências na conjugalidade: a questão da simetria do género. *Análise Social*, 43(188), 579–601.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2008). *Handbook of Attachment, Second Edition: Theory, Research, and Clinical Applications*. Guilford Press.
- Casique, L. C., & Furegato, A. (2006). Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 14(6). doi:10.1590/S0104-11692006000600018
- Centers for Diseases Control and Prevention (CDC). (2012). *Understanding intimate partner violence* [Fact sheet]. In [www.cdc.gov/](http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv_factsheet-a.pdf) Acedido em 10 de outubro de 2014 em [http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv\\_factsheet-a.pdf](http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv_factsheet-a.pdf)
- Centers for Diseases Control and Prevention (CDC). (2014). *Understanding Teen Dating Violence* [Fact sheet]. In [www.cdc.gov/](http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf) Acedido em 10 de outubro de 2014 em <http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf>
- Cercone, J. J., Beach, S. R. H., & Arias, I. (2005). Gender symmetry in dating intimate partner violence: does similar behavior imply similar constructs? *Violence and Victims*, 20(2), 207–218. doi:10.1891/vivi.2005.20.2.207
- Chan, K. L. (2009). Sexual violence against women and children in Chinese societies. *Trauma Violence & Abuse*, 10(1):69–85. doi:10.1177/1524838008327260

- Coker, A. L., Reeder, C. E., Fadden, M. K., & Smith, P. H. (2004). Physical partner violence and medicaid utilization and expenditures. *Public Health Reports*, 119(6), 557–567. doi:10.1016/j.phr.2004.09.005
- Cornelius, T., & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of literature. *Aggression and Violent Behaviour*, 12, 364–375. doi:10.1016/j.avb.2006.09.006
- Cornelius, T. L., Shorey, R. C., Beebe, S. M. (2010). Self-reported communication variables and dating violence: Using Gottman's marital communication conceptualization. *Journal of Family Violence*, 25(4), 439–448. doi:10.1007/s10896-010-9305-9
- Connolly, J., Nocentini, A., Menesini, E., Pepler, D., Craig, W., & Williams, T. S. (2010). Adolescent dating aggression in Canada and Italy: A cross-national comparison. *International Journal of Behavioral Development*, 34(2), 98–105. doi:10.1177/0165025409360291
- Corvo, K., & Carpenter, E. H. (2000). Effects of Parental Substance Abuse on Current Levels of Domestic Violence: A Possible Elaboration of Intergenerational Transmission Processes. *Journal of Family Violence*, 15(2), 123–135. doi:10.1023/A:1007557626788
- Counts DA, Brown J, Campbell J (1992). *Sanctions and sanctuary: cultural perspectives on the beating of wives*. Boulder (CO): Westview Press
- Cross, C. P., Tee, W., & Campbell, A. (2011). Gender symmetry in intimate aggression: an effect of intimacy or target sex? *Aggressive Behavior*, 37(3), 268–277. doi:10.1002/ab.20388
- Crowell, J. A., Treboux, D., & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: The transition to marriage. *Developmental Psychology*, 38(4), 467.
- Cunradi, C. B. (2009). Intimate partner violence among hispanic men and women: the role of drinking, neighborhood disorder, and acculturation-related factors. *Violence and Victims*, 24(1), 83–97. doi:10.1007/s10896-012-9478-5
- Cui, M., Durtschi, J. A., Donnellan, M. B., Lorenz, F. O., & Conger, R. D. (2010). Intergenerational transmission of relationship aggression: a prospective longitudinal study. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 24(6), 688–697. doi:10.1037/a0021675

- Cui, M., Ueno, K., Gordon, M., & Fincham, F. (2013). The Continuation of Intimate Partner Violence from Adolescence to Young Adulthood: Continuation of Violence in Relationships. *Journal of Marriage and Family*, 75(2), 300–313. doi:10.1111/jomf.12016
- Davis, K. E., Coker, A. L., & Sanderson, M. (2002). Physical and mental health effects of being stalked for men and women. *Violence and Victims*, 17(4), 429–443. doi:10.1891/vivi.17.4.429.33682
- Dobash, R. P., & Dobash R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal Criminology*, 44, 324–349. doi:10.1093/bjc/azh026
- Donald G. Dutton, K. S. (2006). Intimacy-Anger and Insecure Attachment as Precursors of Abuse in Intimate Relationships1. *Journal of Applied Social Psychology*, 24(15), 1367 – 1386. doi:10.1111/j.1559-1816.1994.tb01554.x
- Draucker, C. B., & Martsolf, D. S. (2010). The Role of Electronic Communication Technology in Adolescent Dating Violence: The Role of Electronic Communication Technology in Adolescent Dating Violence. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(3), 133–142. doi:10.1111/j.1744-6171.2010.00235.x
- Dutton, D. G. (1985). An ecologically nested theory of male violence towards intimates. *International Journal of Women's Studies*, 8, 404 - 413.
- Dutton, D. G. (2006). *The Abusive Personality, Second Edition: Violence and Control in Intimate Relationships*. Guilford Press.
- Dutton, D. G., & Bodnarchuk, M. (2005). Through a psychological lens: Personality disorder and spouse assault. In D. R. Loseke, R. J. Gelles, & M. M. Cavanaugh (Eds.), *Current Controversies on Family Violence* (pp. 5–18). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dutton, D. G., Saunders, K., Starzomski, A., & Bartholomew, K. (1994). Intimacy anger and insecure attachment as precursors of abuse in intimate relationships. *Journal of Applied Social Psychology*, 24, 1367–1386. doi:10.1111/j.1559-1816.1994.tb01554.x
- Ehlert, C. (2007). *Adolescent Dating Violence: A Review of Literature on Development, Prevalence, Perceptions, Help-Seeking and Prevention Programs*. Master of Science Degree in Education. University of Wisconsin-Stout.
- Farber, B., Shafron, G., Hamadani, J., Wald, E., & Nitzburg, G. (2012). Children, technology, problems, and preferences. *Journal Clinical Psychology*, 68, 1225–1229. doi: 10.1002/jclp.21922

- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Fawzi, M. C. S., Lambert, W., Singler, J. M., Tanagho, Y., Léandre, F., Nevil, P., ... Farmer, P. E. (2005). Factors associated with forced sex among women accessing health services in rural Haiti: implications for the prevention of HIV infection and other sexually transmitted diseases. *Social Science & Medicine*, 60(4), 679–689. doi:10.1016/j.socscimed.2004.06.010
- Felson, R. B., & Messner, S. F. (2000). The control motive in intimate partner violence. *Social Psychology Quarterly*, 63, 86–94. doi:10.2307/2695883
- Finkel, E., & Eckhardt, C. (2011) Intimate Partner Violence In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford Handbook of Close Relationships*. Oxford: New York.
- Frese, B., Moya, M., & Megías, J. L. (2004). Social Perception of Rape: How Rape Myth Acceptance Modulates the Influence of Situational Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 143–161. doi:10.1177/0886260503260245
- Gil-Gonzalez, D. et al. (2008). Childhood experiences of violence in perpetrators as a risk factor of intimate partner violence: a systematic review. *Journal of Public Health*, 30(1):14–22. doi:10.1093/pubmed/fdm071 |
- Gómez, M. (2011). Testing the cycle of violence hypothesis: Child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. *Youth & Society*, 43, 171–192. doi:10.1177/0044118X09358313
- González-Ortega, I., Echeburúa, E., & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Psicología Conductual*, 16(2), 207–225.
- Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2005). Investigating three explanations of women's relationship aggression. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 270–277. doi:10.1111/j.1471-6402.2005.00221.x
- Grangeia, H., & Matos, M. (2011). Da invisibilidade ao reconhecimento do stalking. In A. I. Sani (Coord.). *Temas em vitimologia: Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais* (pp. 61-84). Coimbra: Almedina
- Gross, A. M., Winslett, A., Roberts, M., & Gohm, C. L. (2006). An examination of sexual violence against college women. *Violence Against Women*, 12(3), 288–300. doi:10.1177/1077801205277358

- Gover, A., Kaukinen, C., & Fox, K., (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693. doi: 10.1177/0886260508314330
- Halpern-Meekin, S., Manning, W. D., Giordano, P. C., & Longmore, M. A. (2013). Relationship Churning, Physical Violence, and Verbal Abuse in Young Adult Relationships. *Journal of Marriage and Family*, 75(1), 2–12. doi:10.1111/j.1741-3737.2012.01029.x
- Hamberger, L. K. (2005). Men's and women's use of intimate partner violence in clinical samples: toward a gender-sensitive analysis. *Violence and Victims*, 20(2), 131–151. doi:10.1891/088667005780905632
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment has an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22. doi:10.1207/s15327965pli0501\_1
- Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2002). Violence by intimate partners. In: E., G. Krug et al., eds. *World report on violence and health*, pp. 87–121. Geneva, OMS.
- Herrera, V. M., Wiersma, J. D., & Cleveland, H. H. (2008). The influence of individual and partner characteristics on the perpetration of intimate partner violence in young adult relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(3), 284–296. doi:10.1007/s10964-007-9249-4
- Hinduja, S., & Patchin, J. (2010). Bullying, cyberbullying and suicide. *Archives of Suicide Research*, 14, 206-221. doi: 10.1080/13811118.2010.494133
- Hines, D. A., & Malley-Morrison, K. (2001). Psychological effects of partner abuse against men: A neglected research area. *Psychology of Men & Masculinity*, 2, 75–85. doi:10.1037/1524-9220.2.2.75
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the revised conflict tactics scales. *Violence and Victims*, 18(2), 197–217.
- Holmes, B. M., & Johnson, K. R. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(6-7), 833–852. doi:10.1177/0265407509345653
- Humphrey, J. A., & White, J. W. (2000). Women's vulnerability to sexual assault from adolescence to young adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 27, 419-424. doi:10.1016/S1054-139X(00)00168-3

- Hyman, I., Forte, T., Du Mont, J., Romans, S., & Cohen, M. M. (2006). The association between length of stay in Canada and intimate partner violence among immigrant women. *American Journal of Public Health*, 96(4), 654–659. doi:10.2105/AJPH.2004.046409
- Jain, S., Buka, S. L., Subramanian, S. V., & Molnar, B. E. (2010). Neighborhood Predictors of Dating Violence Victimization and Perpetration in Young Adulthood: A Multilevel Study. *American Journal of Public Health*, 100(9), 1737–1744. doi:10.2105/AJPH.2009.169730
- Jespersen, A. F., Lalumiere, M. L. & Seto, M. C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: a meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 33(3):179–192. doi:10.1016/j.chiabu.2008.07.004
- Jewkes, R. (2002). Preventing sexual violence: A rights-based approach. *The Lancet*, 360, 1092-1093. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11135-4
- Jewkes, R., Dunkle, K., Koss, M. P., Levin, J. B., Nduna, M., Jama, N., & Sikweyiya, Y. (2006). Rape perpetration by young, rural South African men: Prevalence, patterns and risk factors. *Social Science & Medicine* (1982), 63(11), 2949–2961. doi:10.1016/j.socscimed.2006.07.027
- Johnson, K. B. & Das, M. B. (2009). Spousal violence in Bangladesh as reported by men: prevalence and risk factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(6):977–995. doi:10.1177/0886260508319368
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence Against Women*, 12, 1003–1018. doi:10.1177/1077801206293328
- Karakurt, G., Keiley, M., & Posada, G. (2013). Intimate Relationship Aggression in College Couples: Family-of-Origin Violence, Egalitarian Attitude, Attachment Security. *Journal of Family Violence*, 28(6), 561–575. doi:10.1007/s10896-013-9526-9.
- Katz, J., Kuffel, S. W., Coblenz, A. (2002) Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity, and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 17(3), 247–271. doi:10.1023/A:1016005312091
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *Journal of Family Violence*, 22(6), 367–381. doi:10.1007/s10896-007-9092-0

- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation among types of intimate partner violence: Research update and implications for interventions. *Family Court Review*, 46(3), 476–499. doi:10.1111/j.1744-1617.2008.00215.x
- Kendall-Tackett, K. A. (2003). *Treating the lifetime health effects of childhood victimization*. New Jersey: Civic Research Institute.
- Kiecolt-Glaser, J. K. e Newton, T. L. (2001). Marriage and health: His and hers. *Psychological Bulletin*, 127, 472-503. doi:10.1037/0033-2909.127.4.472
- Kim, H. K., Laurent, H. K., Capaldi, D. M., & Feingold, A. (2008). Men's Aggression Toward Women: A 10-Year Panel Study. *Journal of Marriage and Family*, 70(5), 1169–1187. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00558.x
- Krahé, B., Berger, A., Vanwesenbeeck, I., Bianchi, G., Chliaoutakis, J., Fernández-Fuertes, A. A., ... Zygałło, A. (2015). Prevalence and correlates of young people's sexual aggression perpetration and victimization in 10 European countries: a multi-level analysis. *Culture, Health & Sexuality*, 1–18. doi:10.1080/13691058.2014.989265
- Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A. e Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization.
- Kuijpers, K. F., van der Knaap, L. M., & Winkel, F. W. (2012). Risk of Revictimization of Intimate Partner Violence: The Role of Attachment, Anger and Violent Behavior of the Victim. *Journal of Family Violence*, 27(1), 33–44. doi:10.1007/s10896-011-9399-8
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Research Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women*, 6, 6-36. doi:10.1177/10778010022181688
- Lei N.º 59/2007 de 4 de setembro. *Diário da República N.º 170 – 1ª Série*. Assembleia da República.
- Levinson, D. (1989). *Family violence in cross-cultural perspective*. Thousand Oaks (CA).
- Lichter, E. L. & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28(4), 344–357. doi:10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x
- Linder, J. R., & Collins, W. A. (2005). Parent and peer predictors of physical aggression and conflict management in romantic relationships in early adulthood. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 19(2), 252–262. doi:10.1037/0893-3200.19.2.252

- Lourenço, N.; Carvalho, M. J. L. (2001). Violência Doméstica: Conceito e Âmbito. Tipos e Espaços de Violência, *Themis. Revista da Faculdade de Direito da UNL*, 3, pp. 95-121
- Lourenço, N., Lisboa, M., & Pais, E. M. H. D. (1997). *Violência contra as mulheres*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Lussier, P., Farrington, D. P., Moffitt, T. E. (2009) Is the antisocial child father of the abusive man? A 40-year prospective longitudinal study on the developmental antecedents of intimate partner violence. *Criminology* 47(3),741–780. doi:10.1111/j.1745-9125.2009.00160.x
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43–52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83. doi:10.12707/RIII12120
- Madden, M., Lenhart, A., Cortesi, S., Gasser, U., Duggan, M., Smith A., & Beaton, M. (2013). *Teens, social media, and privacy*. Washington, DC: Pew Research Center's Internet & American Life Project
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 68–78.
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M., & Equipa do Aventura Social (2010). *A saúde dos adolescentes portugueses. Relatório do estudo HBSC 2010*. Lisboa, PT: FMH /PEPT-Saúde.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Inquérito de Vitimação por Stalking - Relatório de investigação*. Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga.
- McCauley, J., Yurk, R., Jenckes, M. e Ford, D. (1998). Inside 'Pandora's Box': Abused women's experiences with clinicians and health services. *Archives of Internal Medicine*, 13, 549-555. doi:10.1046/j.1525-1497.1998.00166.x

- McDermott, R. C., & Lopez, F. G. (2013). College men's intimate partner violence attitudes: contributions of adult attachment and gender role stress. *Journal of Counseling Psychology*, 60(1), 127–136. doi:10.1037/a0030353
- McHugh, M. C., & Cosgrove, L. (2004). Feminist research methods: Studying women and gender. In M. A. Paludi (Ed.), *Praeger guide to the psychology of gender* (pp. 155–181). New York, NY: Praeger.
- Meloy, J. R. (1999). Stalking: An old behavior, a new crime. *Forensic Psychiatry*, 22, 85-99
- Mendes, E., & Cláudio V. (2010) Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, 3219-3230.
- Miller, L. (2011). Physical abuse in a college setting: a study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence*, 26, 71-80. doi:10.1007/s10896-010-9344-2
- Mintz, A.-S. (2004). Vinculação, casal e família. In N. Guedeney & A. Guedeney (Ed.), *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Moore, T. M., Stuart, G. L., Meehan, J. C., Rhatigan, D. L., Hellmuth, J. C., & Keen, S. M. (2008). Drug abuse and aggression between intimate partners: a meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 28(2), 247–274. doi:10.1016/j.cpr.2007.05.003
- Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., O'Leary, K. D., & González, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 40(4), 298–304. doi:10.1016/j.jadohealth.2006.11.137
- Narayan, A. J., Englund, M. M., & Egeland, B. (2013). Developmental timing and continuity of exposure to interparental violence and externalizing behavior as prospective predictors of dating violence. *Development and Psychopathology*, 25(4pt1), 973–990. doi:10.1017/S095457941300031X
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Organização Mundial de Saúde (2010). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher. Ação e produção de evidência*. Geneva: OMS.

- Pacheco, A. P., Costa, R. A., & Figueiredo, B. (2003). Estilo de vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica: Estudo exploratório com mães adolescentes. *Revista Internacional de Psicología Clínica Y de La Salud/International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3(1), 35–59.
- Pais, E. (1996). Violência(s). Reflexão em torno de um conceito. *Revista do Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra*, 4, 23-39.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165–184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.
- Pereira, F., & Matos, M. (2015). Cyberstalking entre adolescentes: uma nova forma de assédio e perseguição? *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(1), 57–69.
- Picard, P. (2007) “Tech Abuse in Teen Relationships Study”. *Liz Claiborne Inc.*, In <http://www.loveisrespect.org/wp-content/uploads/2009/03/liz-claiborne-2007-tech-relationship-abuse.pdf>. Acedido em 28 de janeiro de 2015 em [www.loveisrespect.org/](http://www.loveisrespect.org/)
- Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team. (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351–375. doi:10.1023/A:1022830114772;
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2004). When do repeated intrusions become *stalking*? *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 15, 571-83. doi:10.1080/14789940412331313368
- Randle, A. A., & Graham, C. A. (2011). A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(2), 97–111. doi:10.1037/a0021944
- Rauer, A. J., Pettit, G. S., Lansford, J. E., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2013). Romantic Relationship Patterns in Young Adulthood and Their Developmental Antecedents. *Developmental Psychology*, 49(11). doi:10.1037/a0031845

- Resolução do Conselho de Ministros N.º 88/2003 de 13 de junho. Publicado em Diário da República. 1ª Série. N.º 154. 7 de julho de 2003.
- Resolução do Conselho de Ministros N.º 100/2010 de 17 de dezembro. Publicado em Diário da República. 1ª Série. N.º 243. 17 de dezembro de 2010.
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Bauer, D. J., & Ennett, S. T. (2011). The role of heavy alcohol use in the developmental process of desistance in dating aggression during adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(2), 239–250. doi:10.1007/s10802-010-9456-4
- Ribeiro, M. C., & Sani, A. I. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 400-407.
- Richardson, D. S. (2005). The myth of female passivity: thirty years of revelations about female aggression. *Psychology of Women Quarterly*, 29(3), 238–247. doi:10.1111/j.1471-6402.2005.00218.x
- Robazzi, M. (2012) A violência e suas implicações para a saúde e a enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 20(1), 1-2.
- Roberto, K. A., McCann, B. R., & Brossoie, N. (2013). Intimate Partner Violence in Late Life: An Analysis of National News Reports. *Journal of Elder Abuse & Neglect*, 25(3), 230–241. doi:10.1080/08946566.2012.751825
- Roberts, A. L., Gilman, S. E., Fitzmaurice, G., Decker, M. R., & Koenen, K. C. (2010). Witness of intimate partner violence in childhood and perpetration of intimate partner violence in adulthood. *Epidemiology (Cambridge, Mass.)*, 21(6), 809–818. doi:10.1097/EDE.0b013e3181f39f03
- Romans, S., Forte, T., Cohen, M. M., Du Mont, J., & Hyman, I. (2007). Who Is Most at Risk for Intimate Partner Violence?: A Canadian Population-Based Study. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(12), 1495–1514. doi:10.1177/0886260507306566
- Rothman, E. F., Johnson, R. M., Young, R., Weinberg, J., Azrael, D., & Molnar, B. E. (2011). Neighborhood-level factors associated with physical dating violence perpetration: results of a representative survey conducted in Boston, MA. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 88(2), 201–213. doi:10.1007/s11524-011-9543-z
- Russo, N. F., & Pirlott, A. (2006). Gender-based violence: concepts, methods, and findings. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1087, 178–205. doi:10.1196/annals.1385.024

- Saltzman, L. E., Fanslow, J. L., McMahon, P. M., Shelley, G. A. (2002) *Intimate partner violence surveillance: uniform definitions and recommended data elements*, version 1.0. Atlanta (GA): Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control.
- Sheridan, L., & Grant, T. (2007). Is cyberstalking different? *Psychology, Crime & Law*, 13, 627-640. doi:10.1080/10683160701340528.
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., Bell, K. M. (2008) A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13(3), 185–194. doi:10.1016/j.avb.2008.03.003
- Shorey, R. C., Rhatigan, D. L., Fite, P. J., & Stuart, G. L. (2011). Dating Violence Victimization and Alcohol Problems: An Examination of the Stress-Buffering Hypothesis for Perceived Support. *Partner Abuse*, 2(1), 31–45. <http://doi.org/10.1891/1946-6560.2.1.31>.
- Shorey, R. C., Sherman, A. E., Kivisto, A. J., Elkins, S. R., Rhatigan, D. L., & Moore, T. M. (2011). Gender Differences in Depression and Anxiety Among Victims of Intimate Partner Violence: The Moderating Effect of Shame Proneness. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(9), 1834–1850. <http://doi.org/10.1177/0886260510372949>.
- Shorey, R. C., Temple, J. R., Febres, J., Brasfield, H., Sherman, A. E., & Stuart, G. L. (2012). The Consequences of Perpetrating Psychological Aggression in Dating Relationships: A Descriptive Investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(15), 2980–2998. <http://doi.org/10.1177/0886260512441079>.
- Sliwka, G. & Macdonald, J. (2009). Pathways to Couple Violence – An Ecological Approach, *Men's Health Information & Resource Centre*. Sydney: University of Western Sydney Soroptimist.
- Soroptimist. (2013). Teen Dating Violence - Soroptimist White Paper. In <http://www.soroptimist.org/whitepapers/teen-dating-violence.html>. Acedido a 26 de janeiro de 2015 em <http://www.soroptimist.org/>
- Straus, M.A., et al. (2002). *Physical and sexual assault on dating partners by university students in nine countries*. Paper presented at the meeting of the European Society of Criminology. Toledo, Spain.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790–811. doi:10.1177/1077801204265552

- Straus, M. A. (2007). "Conflict Tactics Scales." In N., A. Jackson. *Encyclopedia of Domestic Violence* (pp. 190-197). New York: Routledge: Taylor & Francis Group
- Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth Services Review*, 30(3), 252–275. doi:10.1016/j.childyouth.2007.10.004
- Straus, M. A. (2010). Thirty Years of Denying the Evidence on Gender Symmetry in Partner Violence: Implications for Prevention and Treatment. *Partner Abuse*, 1(3), 332–362. doi:10.1891/1946-6560.1.3.332
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283–316. doi:10.1177/019251396017003001
- Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2007). Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior*, 33(4), 281–290. doi:10.1002/ab.20199
- Straus M. A., Sweet S. (1992) Verbal/symbolic aggression in couples: incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 346–357. doi:10.2307/353066
- Subrahmanyam, K., Greenfield, P., & Tynes, B. (2004). Constructing sexuality and identity in an internet teen chat room. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25, 651-666. doi:10.1016/j.appdev.2004.09.007
- Sutherland, J. L., Amar, A. F., & Sutherland, M. A. (2014). Victimization and perpetration of sexual violence in college-aged men and women. *Journal of Forensic Nursing*, 10(3), 153–159. doi:10.1097/JFN.0000000000000033.
- Swan, S. C., & Snow, D. L. (2003). Behavioral and Psychological Differences Among Abused Women Who Use Violence in Intimate Relationships. *Violence Against Women*, 9(1), 75–109. doi:10.1177/1077801202238431.
- Swan, S. C., Gambone, L. J., Caldwell, J. E., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2008). A review of research on women's use of violence with male intimate partners. *Violence and Victims*, 23(3), 301. doi:10.1891/0886-6708.23.3.301
- Taft, C. T. et al. (2009). Intimate partner violence against African American women: an examination of the socio-cultural context. *Aggression and Violent Behavior*, 14, 50–58. doi: 10.1016/j.avb.2008.10.001

- Tang, C. S., & Lai, B. P. (2008). A review of empirical literature on the prevalence and risk markers of male-on-female intimate partner violence in contemporary China, 1987–2006. *Aggression and Violent Behavior*, 13(1), 10–28. doi:10.1016/j.avb.2007.06.001
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (1998) *Stalking in America: Findings from the National Violence Against Women Survey*. U.S. Department of Justice, National Institute of Justice & Centers for Disease Control and Prevention Research Report.
- Tjaden, P. G., & Thoennes, N. (2000). *Full Report of Prevalence, Incidence and Consequences of Violence Against Women: Findings from the National Violence Against Women Survey*. U.S. Department of Justice, National Institute of Justice & Centers for Disease Control and Prevention Research Report.
- Ullman, S. E. (2004). Sexual assault victimization and suicidal behavior in women: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 9(4), 331–351. [http://doi.org/10.1016/S1359-1789\(03\)00019-3](http://doi.org/10.1016/S1359-1789(03)00019-3)
- Uthman, O. A., Lawoko. S., & Moradi, T. (2009). Factors associated with attitudes towards intimate partner violence against women: a comparative analysis of 17 sub-Saharan countries. *BMC International Health and Human Rights*, 9, 14. doi:10.1186/1472-698X-9-14.
- Ventura, M., Frederico-Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência, III Série*(11), 95–103. doi:10.12707/RIII12120
- Wang, J., Iannotti, R., & Nansel, T. (2009). School bullying among adolescents in the United States: Physical, verbal, relational, and cyber. *Journal Adolescent Health*, 45, 368-375. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.03.021
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435–456. doi: 10.1016/S0272-7358(98)00091-9.
- Whitaker, D. J., Haileyesus, T., Swahn, M., & Saltzman, L. S. (2007). Differences in frequency of violence and reported injury between relationships with reciprocal and nonreciprocal intimate partner violence. *American Journal of Public Health*, 97(5), 941–947. doi:10.2105/AJPH.2005.079020
- White, J. W. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: Conceptual and methodological issues. *Psychology of Women Quarterly*, 33(1), 1–15. doi:10.1111/j.1471-6402.2008.01467.x

- Woodward, L. J., Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (2002). Romantic relationships of young people with childhood and adolescent onset antisocial behavior problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30(3), 231–243. doi:10.1023/A:1015150728887
- Zweig, J. & Dank, M. (2013) Teen Dating Abuse and Harassment in the Digital World: Implications for Prevention and Intervention. *Urban Institute* In <http://www.urban.org/UploadedPDF/412750-teen-dating-abuse.pdf>. Acedido em 28 de janeiro de 2015 em [www.urban.org/](http://www.urban.org/)

## **APÊNDICES**

**Apêndice I: Protocolo de Investigação**

Caro participante,

Gostaríamos de solicitar a sua colaboração, voluntária, para uma investigação que tem como objetivo estudar situações de abuso no relacionamento íntimo.

A sua participação consiste no preenchimento de um questionário. Deste modo, pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe são colocadas, informando que não existem respostas certas ou erradas. Somente a sua opinião interessa.

Todas as informações aqui obtidas são estritamente confidenciais, pelo que será garantido o anonimato, uma vez que as respostas serão apenas para fins estatísticos.

A sua participação é voluntária, por isso, pode interrompe-la a qualquer momento.

Agradecemos, desde já, a sua participação.



escola  
de psicologia  
e ciências  
da vida



### Questionário

Responda, por favor, ao questionário.

Complete ou assinale com um X as respostas que correspondem à sua situação.

1. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_
4. Estado civil:  
Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ União de facto ☐ Divorciado(a) ☐ Viúvo(a) ☐
5. Profissão: \_\_\_\_\_
6. Qual a Instituição ou Estabelecimento de Ensino que frequenta? \_\_\_\_\_
7. Qual o ano que frequenta na universidade? \_\_\_\_\_
8. Qual o curso que atualmente frequenta?  
\_\_\_\_\_
9. Pessoas com quem habita. Assinale o número de respostas que se identificam com a sua situação.  
Pais ☐ Outros familiares ☐ Outros não familiares ☐  
Parceiro(a) ☐ Filho(s) ☐ Vive sozinho ☐
10. Situação atual quanto ao relacionamento íntimo?  
Neste momento tem um relacionamento com duração igual ou superior a 1 mês ☐  
Há quanto tempo dura o relacionamento íntimo atual? \_\_\_\_\_ meses  
Não tem agora mas já teve um relacionamento com duração igual ou superior a 1 mês ☐  
Há quanto tempo terminou o relacionamento íntimo? \_\_\_\_\_ meses  
Nunca teve um relacionamento que durasse mais de 1 mês ☐ (**Se respondeu afirmativamente não deve responder a este questionário**)
11. Tipo de relacionamento íntimo  
Sem compromisso ☐ Namoro ☐ Casamento ☐ A viver maritalmente ☐
12. Orientação sexual  
Heterossexual ☐ Homossexual ☐ Bissexual ☐

13. Existe ou existiram episódios violência conjugal entre os seus pais?

Sim ☐ Não ☐

10.1. Em caso afirmativo especifique se foi testemunha dos mesmos:

Sim ☐ Não ☐

14. Durante a sua infância foi vítima de violência (física e/ou psicológica) por parte de algum dos seus familiares?

Sim ☐ Não ☐

15. Tem ou já teve comportamentos de dependência e/ou abuso de substâncias?

Sim ☐ Não ☐

17.1. Em caso afirmativo especifique:

Álcool ☐ Drogas ☐

16. Alguma vez recorreu a ajuda de alguma associação de apoio à vítima de violência?

Sim ☐ Não ☐

17. Alguma vez foi internado ou recebeu cuidados hospitalares decorrentes de uma agressão por parte do seu parceiro?

Sim ☐ Não ☐

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leia atentamente essas frases e exprima a sua opinião em relação a cada uma delas. Para cada afirmação, responda fazendo um círculo na escala de 1 a 5 que indica a sua opção. Assegure-se que respondeu a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

|                                |                     |                                      |                     |                                |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|
| <b>1 = Discordo totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não concordo nem discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo totalmente</b> |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|

### Parte A

|                                                                                              |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. Um homem não deve insultar a namorada. ....                                               | 1 2 3 4 5 |
| 2. Um homem não deve dizer à namorada o que fazer. ....                                      | 1 2 3 4 5 |
| 3. Uma mulher deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos. ....               | 1 2 3 4 5 |
| 4. Os relacionamentos resultam melhor quando as mulheres procuram agradar os namorados. .... | 1 2 3 4 5 |
| 5. Não existe nenhuma razão para um homem ameaçar a namorada. ....                           | 1 2 3 4 5 |
| 6. Por vezes, os homens não conseguem evitar insultar as namoradas. ....                     | 1 2 3 4 5 |
| 7. Uma mulher deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado. ....                   | 1 2 3 4 5 |
| 8. Uma mulher deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer. ....                    | 1 2 3 4 5 |
| 9. Um homem não precisa de saber tudo o que a namorada faz. ....                             | 1 2 3 4 5 |
| 10. Não existe nenhuma razão para um homem insultar a namorada. ....                         | 1 2 3 4 5 |
| 11. É normal um homem gritar com a namorada quando está furioso. ....                        | 1 2 3 4 5 |
| 12. Um homem pode dizer mal da namorada. ....                                                | 1 2 3 4 5 |

| <b>1 = Discordo<br/>totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não<br/>concordo nem<br/>discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo<br/>totalmente</b> |
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|

13. Não existe nenhuma razão para um homem gritar e berrar com a namorada. .... 1 2 3 4 5

14. Uma mulher não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado. .... 1 2 3 4 5

15. É importante que uma mulher se vista sempre da forma que o namorado quer. ... 1 2 3 4 5

### **Parte B**

1. Uma mulher deve acabar o namoro se o namorado lhe bater. .... 1 2 3 4 5

2. Algumas mulheres merecem levar uma bofetada dos namorados. .... 1 2 3 4 5

3. Não é correto um homem bater na namorada. .... 1 2 3 4 5

4. Por vezes os homens não conseguem evitar dar murros na namorada. .... 1 2 3 4 5

5. Não existe nenhuma razão para um homem empurrar a namorada. .... 1 2 3 4 5

6. Por vezes um homem não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita. 1 2 3 4 5

7. Não existe nenhuma razão para um homem dar uma bofetada à namorada. .... 1 2 3 4 5

8. Por vezes o ciúme põe um homem tão louco que ele bate na namorada. .... 1 2 3 4 5

9. As mulheres que traem os namorados merecem ser esbofeteadas. .... 1 2 3 4 5

10. Por vezes, o amor faz com que um homem fique tão louco que ele bate  
na namorada. .... 1 2 3 4 5

11. Normalmente um homem não bate na namorada a não ser que esta mereça. .... 1 2 3 4 5

12. Um homem pode bater na namorada se ela merecer. .... 1 2 3 4 5

|                                |                     |                                      |                     |                                |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|
| <b>1 = Discordo totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não concordo nem discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo totalmente</b> |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|

**Parte C**

|                                                                                                                               |   |   |   |   |   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 1. Quando um homem paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele. ....               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Os homens não são donos do corpo das namoradas. ....                                                                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Quando os homens ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais. ....                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Os homens nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas. ....                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Um homem não deve tocar na namorada a não ser que ela queira. ....                                                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Um homem pode forçar a namorada a beijá-lo. ....                                                                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Às vezes os homens têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem. ....                                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Para provar o seu amor uma mulher deve ter relações sexuais com o namorado. ...                                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Uma mulher que entra no quarto de um homem está a concordar ter relações sexuais com ele. ....                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Não tem mal pressionar uma mulher para ter relações sexuais com ela. ....                                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Não tem mal pressionar uma mulher para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado. ....                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Depois de um casal assumir um compromisso, o homem não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais. .... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| <b>1 = Discordo<br/>totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não<br/>concordo nem<br/>discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo<br/>totalmente</b> |
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|

**Parte D**

|                                                                                      |   |   |   |   |   |
|--------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 1. Não existe nenhuma desculpa para uma mulher ameaçar o namorado. ....              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Não existe nenhuma razão para uma mulher insultar o namorado. ....                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. As mulheres têm o direito de dizer aos namorados como estes se devem vestir. .... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Um homem deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer. ....              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Se uma mulher berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério. ....           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. As mulheres têm o direito de dizer aos namorados o que fazer. ....                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. É importante que um homem se vista sempre da forma que a namorada quer. ....      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Por vezes as mulheres não conseguem evitar insultar os namorados. ....            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Um homem deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Uma mulher pode dizer mal do namorado. ....                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. É normal uma mulher gritar com o namorado quando fica furiosa. ....              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Por vezes as mulheres têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem. ....     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Uma mulher não deve controlar o que o namorado veste. ....                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

|                                    |                     |                                              |                     |                                    |
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|
| <b>1 = Discordo<br/>totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não<br/>concordo nem<br/>discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo<br/>totalmente</b> |
|------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------|---------------------|------------------------------------|

**Parte E**

|                                                                                             |   |   |   |   |   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 1. Uma mulher pode bater no namorado se ele merecer. ....                                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Não tem mal se uma mulher empurrar o namorado. ....                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Por vezes, as mulheres não conseguem evitar dar murros nos namorados. ....               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Alguns homens merecem levar uma bofetada da namorada. ....                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Por vezes, uma mulher tem de bater no namorado para ele a respeitar. ....                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Normalmente uma mulher só bate no namorado quando ele merece. ....                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Uma mulher não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha<br>feito. .... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Não existe nenhuma razão para um homem levar uma bofetada da namorada. ....              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma mulher se vingar do namorado. ....                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Nunca está correto uma mulher dar uma bofetada ao namorado. ....                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Algumas mulheres têm que bater nos namorados para serem ouvidas. ....                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Um homem deve terminar o namoro com uma mulher se esta o esbofetear. ....               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

|                                |                     |                                      |                     |                                |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|
| <b>1 = Discordo totalmente</b> | <b>2 = Discordo</b> | <b>3 = Não concordo nem discordo</b> | <b>4 = Concordo</b> | <b>5 = Concordo totalmente</b> |
|--------------------------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|

**Parte F**

|                                                                                                                            |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. Uma mulher não deve tocar no namorado a não ser que ele queira. ....                                                    | 1 2 3 4 5 |
| 2. Não tem nada de mal um homem mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais. ....                                       | 1 2 3 4 5 |
| 3. Um homem deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais. ....                            | 1 2 3 4 5 |
| 4. Uma mulher só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer. ....                                                      | 1 2 3 4 5 |
| 5. Um homem que entra no quarto de uma mulher está a concordar em ter relações sexuais. ....                               | 1 2 3 4 5 |
| 6. Não tem nada de mal uma mulher forçar o namorado a beijá-la. ....                                                       | 1 2 3 4 5 |
| 7. As mulheres nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles. ....                     | 1 2 3 4 5 |
| 8. Mesmo se um homem tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias. ....            | 1 2 3 4 5 |
| 9. Depois de um casal assumir um compromisso, a mulher não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais. .... | 1 2 3 4 5 |
| 10. As mulheres nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas. ....                           | 1 2 3 4 5 |
| 11. Para provar o seu amor, um homem deve ter relações sexuais com a namorada. .                                           | 1 2 3 4 5 |
| 12. Uma mulher pode dizer a um homem que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele. ....                   | 1 2 3 4 5 |

Por muito que os namorados tenham um bom relacionamento, existem certas alturas em que discordam um do outro, ficam irritados, querem coisas diferentes, ou têm simplesmente discussões ou brigas porque estão de mau humor, cansados, ou por outra razão.

Os namorados têm igualmente modos diferentes de tentar resolver as suas divergências. O que se segue é uma lista de comportamentos que poderiam ter ocorrido durante essas mesmas divergências. Responda de acordo com a escala de 0 a 7 quantas vezes é que você e o seu parceiro tiveram esses comportamentos no passado ano. Se você e o seu parceiro não tiveram nenhum desses comportamentos no passado ano, mas já aconteceu anteriormente, assinale “7”.

Quão frequente isto aconteceu?

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

1. Mostrei ao meu parceiro que me preocupava com ele, mesmo quando discordámos. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

2. O meu parceiro mostrou-me que se preocupava comigo, mesmo que discordámos. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

3. Numa discussão, expliquei ao meu parceiro o meu ponto de vista. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

4. Numa discussão, o meu parceiro explicou-me o seu ponto de vista. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

5. Insultei ou roguei pragas ao meu parceiro. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

6. O meu parceiro insultou-me ou rogou-me pragas. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

7. Atirei ao meu parceiro alguma coisa que o poderia magoar. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

8. O meu parceiro atirou-me alguma coisa que me pudesse magoar. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

---

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

|                                                                                                                               |                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 9. Torci o braço ou puxei o cabelo do meu parceiro. ....                                                                      | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 10. O meu parceiro torceu-me o braço ou puxou-me o cabelo. ....                                                               | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 11. Fiz uma entorse, uma nódoa negra, ou um pequeno corte por causa de uma briga com o meu parceiro. ....                     | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 12. O meu parceiro fez uma entorse, uma nódoa negra, ou um pequeno corte por causa de uma briga comigo. ....                  | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu parceiro acerca de determinado assunto. ....                                    | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 14. O meu parceiro mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de determinado assunto. ....                                | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 15. Obriguei o meu parceiro ter relações sexuais sem preservativo. ....                                                       | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 16. O meu parceiro obrigou-me a ter relações sexuais sem preservativo. ...                                                    | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 17. Empurrei o meu parceiro. ....                                                                                             | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 18. O meu parceiro empurrou-me. ....                                                                                          | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 19. Forcei (e.g., batendo, agarrando, ou usando uma arma) o meu parceiro para que este tivesse sexo oral ou anal comigo. .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 20. O meu parceiro forçou-me (e.g. batendo, agarrando, ou usando uma arma) para que tivesse sexo oral ou anal com ele. ....   | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu parceiro. ....                                                                     | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 22. O meu parceiro usou uma faca ou uma arma contra mim. ....                                                                 | 0 1 2 3 4 5 6 7 |

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

|                                                                                 |                 |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 23. Desmaiei porque o meu parceiro me atingiu na cabeça durante uma briga. .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 24. O meu parceiro desmaiou porque lhe atingi na cabeça durante uma briga. .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 25. Chamei de gordo ou feio ao meu parceiro. ....                               | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 26. O meu parceiro chamou-me gordo ou feio. ....                                | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 27. Esmurrei ou bati no meu parceiro com algo que o pudesse magoar. ....        | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 28. O meu parceiro esmurrou-me ou bateu-me com algo que me pudesse magoar. .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 29. Destruí algo que pertencia ao meu parceiro. ....                            | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 30. O meu parceiro destruiu algo que me pertencia. ....                         | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 31. Fui ao médico por causa de uma briga com o meu parceiro. ....               | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 32. O meu parceiro foi ao médico por causa de uma briga comigo. ....            | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 33. Tentei estrangular o meu parceiro. ....                                     | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 34. O meu parceiro tentou estrangular-me. ....                                  | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 35. Gritei com meu parceiro. ....                                               | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 36. O meu parceiro gritou comigo. ....                                          | 0 1 2 3 4 5 6 7 |

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

|                                                                                                                                |                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 37. Atirei o meu parceiro contra a parede. ....                                                                                | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 38. O meu parceiro atirou-me contra a parede. ....                                                                             | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 39. Eu disse que estava certo que poderíamos resolver algum problema. ...                                                      | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 40. O meu parceiro disse que estava certo que poderíamos resolver algum problema. ....                                         | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 41. Precisei de ter ido ao médico, por causa de uma briga com o meu parceiro, mas não o fiz. ....                              | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 42. O meu parceiro precisou de ter ido ao médico, por causa de uma briga que teve comigo, mas não o fez. ....                  | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 43. Dei uma tarefa ao meu parceiro. ....                                                                                       | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 44. O meu parceiro deu-me uma tarefa. ....                                                                                     | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 45. Agarrei à força o meu parceiro. ....                                                                                       | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 46. O meu parceiro agarrou-me à força. ....                                                                                    | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 47. Forcei (e.g. batendo, agarrando, ou usando uma arma) o meu parceiro para que este tivesse relações sexuais comigo. ....    | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 48. O meu parceiro forçou-me (e.g. batendo, agarrando, ou usando uma arma) para que tivesse relações sexuais com ele. ....     | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento ou uma zanga. ....                 | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 50. O meu parceiro saiu abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento ou uma zanga. .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

|                                                                                                            |                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu parceiro não queria, mas não usei força física. ....      | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 52. O meu parceiro insistiu em ter relações sexuais quando eu não queria (mas não usou força física). .... | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 53. Dei uma bofetada ao meu parceiro. ....                                                                 | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 54. O meu parceiro deu-me uma bofetada. ....                                                               | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 55. Fiz uma fratura devido a uma briga com o meu parceiro. ....                                            | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 56. O meu parceiro fez uma fratura devido a uma briga comigo. ....                                         | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu parceiro tivesse sexo oral ou anal comigo. ....             | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 58. O meu parceiro recorreu a ameaças para fazer com que tivesse sexo oral ou anal com ele. ....           | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento. ....                                                | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 60. O meu parceiro sugeriu um acordo para resolver um desentendimento. ....                                | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 61. Queimei o meu parceiro de propósito. ....                                                              | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 62. O meu parceiro queimou-me de propósito. ....                                                           | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 63. Insisti com o meu parceiro para que tivéssemos sexo oral ou anal, mas não usei força física. ....      | 0 1 2 3 4 5 6 7 |
| 64. O meu parceiro insistiu para que tivéssemos sexo oral ou anal, mas não usou força física. ....         | 0 1 2 3 4 5 6 7 |

|                                       |                                                                 |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>0 = Isto nunca aconteceu</b>       | <b>4 = 6 a 10 vezes no ano passado</b>                          |
| <b>1 = Uma vez no ano passado</b>     | <b>5 = 11 a 20 vezes no ano passado</b>                         |
| <b>2 = Duas vezes no ano passado</b>  | <b>6 = Mais de 20 vezes no ano passado</b>                      |
| <b>3 = 3 a 5 vezes no ano passado</b> | <b>7 = Não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes</b> |

65. Acusei o meu parceiro de ser um mau parceiro sexual. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

66. O meu parceiro acusou-me de ser um mau parceiro sexual. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

67. Fiz algo para enfurecer o meu parceiro. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

68. O meu parceiro fez algo para me enfurecer. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu parceiro. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

70. O meu parceiro ameaçou ferir ou atirar-me alguma coisa. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

71. Senti dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma briga com o meu parceiro. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

72. O meu parceiro sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma briga que teve comigo. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

73. Dei pontapés no meu parceiro. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

74. O meu parceiro deu-me pontapés. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

75. Recorri a ameaças para que o meu parceiro tivesse relações sexuais comigo. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

76. O meu parceiro recorreu a ameaças para que tivesse relações sexuais com ele. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

77. Concordei com uma solução, sugerida pelo meu parceiro, após um desentendimento. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

78. O meu parceiro concordou com uma solução, sugerida por mim, após um desentendimento. .... 0 1 2 3 4 5 6 7

Este questionário contém perguntas acerca dos seus sintomas. Leia cada uma e faça um círculo na escala de 1 a 4 que indica a opção que mais se aproxima ao modo como se tem sentido durante a última semana.

Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda:

| <b>1 = Nenhuma</b>                           | <b>2 = Pouca</b> | <b>3 = Alguma</b> | <b>4 = Bastante</b> |
|----------------------------------------------|------------------|-------------------|---------------------|
| 1. Falta de Appetite. ....                   | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 2. Irritabilidade. ....                      | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 3. Cansaço. ....                             | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 4. Preocupações. ....                        | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 5. Dores Musculares (músculos doridos). .... | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 6. Depressão. ....                           | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 7. Falta de energia. ....                    | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 8. Dores. ....                               | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 9. Nervosismo. ....                          | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 10. Náuseas (enjoo). ....                    | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 11. Esperança no futuro. ....                | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 12. Dificuldade em adormecer. ....           | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 13. Dores de cabeça. ....                    | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 14. Vômitos. ....                            | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 15. Tonturas. ....                           | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 16. Falta de interesse sexual. ....          | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 17. Sentimento de solidão. ....              | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 18. Tensão nervosa. ....                     | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 19. Ansiedade. ....                          | 1                | 2                 | 3 4                 |
| 20. Obstipação (prisão de ventre). ....      | 1                | 2                 | 3 4                 |

| 1 = Nenhuma                         | 2 = Pouca | 3 = Alguma | 4 = Bastante |
|-------------------------------------|-----------|------------|--------------|
| 21. Diarreia. ....                  | 1         | 2          | 3 4          |
| 22. Azia, arrotos. ....             | 1         | 2          | 3 4          |
| 23. Calafrios (arrepios). ....      | 1         | 2          | 3 4          |
| 24. Formigueiros nas mãos/pés. .... | 1         | 2          | 3 4          |
| 25. Acordar sobressaltado. ....     | 1         | 2          | 3 4          |
| 26. Dor ao engolir. ....            | 1         | 2          | 3 4          |
| 27. Queda de cabelo. ....           | 1         | 2          | 3 4          |
| 28. Ardor nos olhos. ....           | 1         | 2          | 3 4          |
| 29. Falta de ar. ....               | 1         | 2          | 3 4          |
| 30. Secura da boca. ....            | 1         | 2          | 3 4          |

Tendo em conta estes aspetos, como descreve a sua qualidade de vida durante a semana passada?

- ☐ Excelente
- ☐ Boa
- ☐ Moderadamente boa
- ☐ Nem boa nem má
- ☐ Moderadamente má
- ☐ Má
- ☐ Muito má

*Obrigado pela sua colaboração!*